



ALLISON PATAKI

AUTORA BESTSELLER DE *SISSI, IMPERATRIZ POR AMOR*

A Mulher do Traidor

Romance Histórico

A história fascinante da mulher
por detrás de um dos mais infames
atos de traição da História

«Um romance impressionante.»

PHILIPPA GREGORY

TOP
SEL
LER

*Para as minhas avós,
Peggy e Monique*

*«Para o mundo enganardes, tomai a aparência do mundo;
Tende boas-vindas nos olhos, nas mãos, na língua:
Parecei flor inocente,
Mas sede a serpente debaixo dela.»*

LADY MACBETH,
MACBETH DE WILLIAM SHAKESPEARE

*«O amor ao meu país motiva a minha conduta presente,
por muito que isso possa parecer inconsistente ao mundo,
que muito raramente julga corretas as ações de qualquer homem.»*

EXCERTO DE UMA CARTA DE BENEDICT ARNOLD PARA
GEORGE WASHINGTON, 25 DE SETEMBRO DE 1780

ÍNDICE

PRÓLOGO

«Tudo Está Perdido»

Forte de West Point, 25 de setembro de 1780

13

CAPÍTULO UM

«Nunca Ires a Menina Peggy»

Filadélfia, maio de 1778

17

CAPÍTULO DOIS

«Pequena Pagã Deliciosa»

Filadélfia, maio de 1778

80

CAPÍTULO TRÊS

«O Arnold Será sempre Meu Inimigo»

Filadélfia, junho de 1778

122

CAPÍTULO QUATRO

«A Patriotazinha mais Bonita de Todas as Treze Colônias»

Filadélfia, julho de 1778

151

CAPÍTULO CINCO

«Atolado na Lama»

Filadélfia, novembro de 1778

182

CAPÍTULO SEIS

«Há Outra Maneira»

Filadélfia, dezembro de 1779

221

CAPÍTULO SETE

«Demasiado Longe neste Trilho»

West Point, junho de 1780

286

CAPÍTULO OITO

«O Maior Peixe deles Todos»

West Point, agosto de 1780

331

CAPÍTULO NOVE

«Em Quem Podemos Confiar?»

West Point, setembro de 1780

370

EPÍLOGO

415

UMA NOTA ACERCA DA HISTÓRIA E DAS FONTES

419

AGRADECIMENTOS

425

PRÓLOGO



«Tudo Está Perdido»

25 DE SETEMBRO DE 1780

FORTE DE WEST POINT, NOVA IORQUE

O alto, o general *George Washington*, mandou recado de que se atrasaria para o pequeno-almoço. Pergunto-me se será esta a primeira bainha puída de um plano cuidadosamente costurado prestes a desfazer-se? Ou será simplesmente uma mensagem linear: O comandante colonial está atrasado, o seu cozinheiro e a sua senhora que façam planos em conformidade com isso. Agradeço ao mensageiro, de cabelo escuro, um tal *Sr. Alexander Hamilton*, um dos favoritos do general, e regresso à copa. Mas esta mudança no horário parece representar uma inevitabilidade mais ampla. As minhas entranhas revolvem-se à medida que a suspeita se enraíza, provocando-me — a minha patroa vai falhar.

— *Que anda ele a fazer, a atrasar todo o pequeno-almoço?* — A senhora *Quigley* amua sob uma nuvem de farinha, mas continua a amassar a massa. — *Agora, o pão vai ficar queimado, o chá, demasiado forte, e os pêssegos vão atrair moscas.*

— *Ele é o comandante do Exército Continental. Suspeito que o general Washington já defrontou adversários mais formidáveis do que algumas moscas nos seus pêssegos.* — O senhor *Quigley*, o mordomo do meu amo, brinca com os botões de estanho do casaco ao escrutinar o seu reflexo na chaleira de prata.

— *Ele vai achar que somos um bando de campónios incivilizados!* — *dispara a senhora Quigley para o marido. Os caracóis brancos que fogem do seu carrapito estão agora ainda mais claros, como uma das perucas empoadas da Patroa, à medida que porções caprichosas de farinha pousam neles.*

— Pronto, pronto, Constance. — O velho bate-lhe com uma mão nas costas. — Vai correr tudo bem. Vou informar o Patrão Arnold do atraso. — O senhor Quigley sai da cozinha enfumarada e eu sigo no seu encalço. Não tenho coragem para dizer ao velho o quão errado está.

A perturbação do horário não aborrece a minha patroa, que, esta manhã, acordou bem-disposta.

— Como é que eu hoje podia não estar alegre? — Ela boceja enquanto eu corro as cortinas para o lado, deixando entrar a suave luz do sol de uma manhã quente de setembro, perfumada pelo aroma dos pêssegos grados que pendem pesadamente no pomar lá em baixo. Ela e o marido, finalmente, estão apenas a alguns dias de concretizarem os seus sonhos. O prestígio e a riqueza que há tanto lhes fogem, dançando como uma amante sedutora que acaba por retroceder para trás do seu véu, estão finalmente ao seu alcance. Não, nada abalará hoje a boa disposição da minha senhora.

Quando o segundo mensageiro chega a cavalgar, a Patroa ouve a cadência frenética das ferraduras do cavalo, ressoando como a batucada dos nativos, do lado de fora da sua janela aberta.

— Outro cavaleiro? Meu Deus, esta manhã devemos ser a casa mais movimentada do rio Hudson. — A Patroa solta uma risadinha, puxando as mangas largas da sua camisa de noite de linho branco. — Será que eles não sabem que, esta manhã, estamos prestes a receber o Washington e o seu grupo para o pequeno-almoço? Seria de pensar que podiam adiar estes recados pelo menos por um dia. — Ela suspira, com as feições refrescadas pelo descanso, linda sob a moldura dos seus caracóis louros e soltos. — É melhor ires ver o que eles querem. — Ela encaminha-me com um aceno e eu saio do seu quarto, descendo a estreita escadaria de madeira.

— Arreda, cachorro. — Afasto o cão da porta. Empoleirada nos degraus da entrada, protejo os olhos e fito a ensombrada estrada da mala-posta. O cavaleiro emerge da cobertura malhada das árvores espessas para a luz crua do princípio da manhã. O meu coração estremece involuntariamente ao recordar-me de outra manhã, em que outro cavaleiro subiu a trote aquele caminho. De como esse soldado viera aqui para me ver. Mas não posso permitir-me ficar confusa com devaneios, hoje não.

Reparo que aquele homem não está fardado com o brasão do general e que, portanto, não vem do acampamento de Washington. Ele aproxima-se da casa a uma velocidade alarmante, incitando o seu cavalo exaurido a avançar com as esporas impiedosas das suas botas poeirentas. Para a apenas alguns centímetros das escadas, o seu cavalo esbaforido, com o cavaleiro

a aproximar-se de mim como um dos cavaleiros de São João que viesse avisar-nos do fim do mundo. Eu endireito-me a toda a minha altura enquanto o homem desmonta do cavalo, aterrando numa nuvem de esterco repisado, com o uniforme imundo e o cabelo ensopado em suor.

— Posso ajudá-lo? — Estou de pé, como uma sentinela, defronte da porta da vivenda.

— Preciso de falar com o major-general Benedict Arnold. — O homem, ainda ofegante, dirige-se para a casa, com o pó a rodeá-lo como um manto. — Dê água ao meu cavalo, menina. Tenho de falar com o general! — O homem entrega-me o freio e cambaleia rumo à porta de entrada, sem dizer mais uma palavra.

Ouço o tumulto à entrada de casa quando aquele cavaleiro solitário grita o nome do patrão:

— Onde está o general Benedict Arnold? Mensagem urgente do sul do Hudson para Benedict Arnold.

Amarro o cavalo daquele homem ao poste em frente e, silenciosamente, esgueiro-me de novo para casa, posicionando-me, fora de vista, no cimo das escadas. Ouço o meu patrão aproximar-se do mensageiro na sala de visitas. As suas passadas arrastam-se sobre o chão de madeira — desiguais, desnive-ladas — devido à ferida de guerra que o incapacitou para sempre e tornou inútil a sua perna esquerda. Sons abafados enquanto o dono da casa saúda o mensageiro, a sua voz como gravilha ao repreender o seu subordinado.

— Qual é o seu propósito, homem? Vir assim incomodar-nos na manhã em que vamos receber Sua Excelência George Washington, e com a dona da casa ainda deitada e por vestir?

O mensageiro responde no meio de uma respiração irregular:

— Garanto-lhe, major-general, que perdoará a minha brusquidão quando vir a mensagem que venho entregar. Foi-me ordenado que a entregasse rapidamente.

— Deus do céu, de onde é que você vem? — A voz do meu amo trai agora o seu alarme.

— Do forte de North Castle, rio abaixo. Uma cavalgada de um dia.

— Dê cá, então. — Ouço papéis a serem amarrotados ao mudarem de mãos. Segue-se um silêncio, apenas com o som do canto matinal dos pássaros a acompanhar a cena que se desenrola dentro da vivenda.

Depois, o andar do patrão, de novo desequilibrado, mas com uma urgência que não ouço há anos. Em breve, chega às escadas, fazendo com que eu fuja para o quarto da minha patroa.

— *Que foi?* — *Os seus olhos abrem-se quando eu atravesso a soleira da porta do seu quarto ensolarado.*

— *Vem aí o Amo!* — *é tudo quanto tenho tempo para dizer. Ouvimos a sua aproximação rápida; usando a impressionante força do seu tronco, ele guinda-se escadas acima. As pranchas do soalho rangem sob as suas botas à medida que sobe. Olho para a minha senhora e as suas feições estão marcadas pelo horror ao compreendermo-nos uma à outra. Não são necessárias palavras entre nós, depois de todos estes anos.*

— *Mas, certamente, não é... não pode ser?* — *A senhora Arnold remexe nas cobertas da cama, deliberando se deve levantar-se ou permanecer deitada.*

— *Peggy.* — *O senhor Arnold faz saltar a porta, com a sua moldura tosca a tremer na soleira. Debatendo-se para respirar, diz ofegantemente: — Eles desmascararam-nos! Está tudo perdido. Fomos descobertos. — O seu rosto diz-me que ele se debate tanto quanto a minha senhora para que as palavras façam sentido, ainda que sejam os seus lábios a pronunciá-las. E, então, tão rapidamente quanto entrara, o general Arnold retira-se do umbral da minha patroa. E eu sou deixada sozinha, neste quarto, apenas com a minha senhora e os seus lamentos estridentes.*

— *BENEDICT!* — *grita-lhe ela. — BENEDICT ARNOLD!*

CAPÍTULO UM



«Nunca Ires a Menina Peggy»

MAIO DE 1778

FILADÉLFIA, PENNSILVÂNIA

Clara bateu à porta da frente uma, duas vezes. Verificou de novo a morada escrita no pedaço gasto de pergaminho. A caligrafia familiar da sua avó orientou Clara até chegar à mansão dos Shippens, na esquina das ruas Quatro e Walnut, bem dentro do bairro que alojava os residentes mais ricos da cidade.

O estalar do chicote de um cocheiro desviou a atenção de Clara da porta dos Shippens, e ela olhou por cima do ombro no sentido da rua — uma via com barulhos de ferraduras de cavalos, rodas de caruagens e o rufar ensurdecedor de soldados britânicos a marcharem. Um criado inclinou-se para fora de uma janela várias casas mais abaixo e esvaziou uma série de bispotes para a rua empedrada antes de desaparecer, uma vez mais, para dentro de casa. A proximidade do barulho e do fedor não se parecia com nada que Clara alguma vez tivesse experimentado na quinta.

A mansão dos Shippens, tal como as suas estruturas adjacentes, era composta por tijolo vermelho e construída com uma simetria ordenada: o tipo de intencionalidade arquitetónica de que ela ouvira falar desde que George Washington e Thomas Jefferson tinham construído as suas casas naquele estilo.

As casas de tijolo da alta sociedade que se alinhavam, numa fila coesa, na Rua Quatro assemelhavam-se umas às outras exceto nas venezianas; algumas casas tinham persianas verdes, outras, azul-claras, outras, azul-escuras, outras, brancas. Os Shippens tinham escolhido pintar as suas persianas de preto.

A mansão dos Shippens era recolhida relativamente à rua, rodeada em frente por uma pequena mancha de relva e duas cerejeiras na plena floração do fim da primavera. A entrada, uma porta de madeira larga, situava-se por cima de três curtos degraus e por baixo de um frontão triangular. Uma fila cimeira de janelas de trapeira arqueadas sobressaía do telhado inclinado, com duas filas de vidraças fechadas abaixo dela. As janelas — construídas não só para permitirem a entrada da luz, mas também pelo seu encanto decorativo — testemunhavam a riqueza do seu proprietário; da rua, um transeunte poderia ter a sorte de vislumbrar o famoso juiz Edward Shippen a estudar os seus livros, ou de espiar uma das suas bonitas filhas quando esta passasse pelo vasto salão a caminho de receber a visita de um cavalheiro.

Devia ser a casa certa. Clara bateu de novo na imponente porta de entrada. A porta abriu-se, e Clara foi saudada pelo rosto enrugado de uma mulher envelhecida.

— Boa tarde. — A mulher tinha feições suaves emolduradas por um carrapito acinzentado, que espreitava para fora pelo rebordo de uma touca limpa de linho branco. Saudou Clara com um sorriso de aprovação.

— Será a Clara Bell, que chegou por fim? — A mulher envelhecida abriu mais a porta, revelando uma aparência impecável: um saiote anil feito de linho para acomodar o tempo mais quente, coberto por um avental de linho limpo. Por cima, usava um corpete de um cinzento esbatido sobre uma blusa branca engomada de fresco. Tinha um lenço atado à volta do pescoço para assegurar o recato requerido para trabalhar numa casa tão refinada. Arregaçou as mangas compridas e acenou para que Clara entrasse.

— Obrigada, 'nha senhora. — Clara passou pela porta aberta, agarrando no seu saco de lona ao passar o umbral. A mulher fechou a porta de entrada atrás de si, abafando o ruído e o fedor da rua e permitindo a Clara sossegar no arejado interior da casa. A sua tranquilidade silenciosa era um alívio bem-vindo, depois da azáfama da Rua Quatro.

— Bem, Clara Bell, estivemos todo o dia à sua espera. — A mulher mais velha sorriu, tirando o saco de Clara das mãos desta. — Foi uma viagem cansativa do campo para cá?

— Foi boa, 'nha senhora — respondeu Clara, ainda que estivesse certa de que as suas feições extenuadas lhe traíam a fadiga.

— Apanhaste uma mala-posta?

— Sim, 'nha senhora.

— Isso deve ter-te custado uma pequena fortuna.

— Estou agradecida por ter o emprego, 'nha senhora. — Clara logrou um sorriso tímido, por lhe faltarem as palavras no grandioso vestíbulo em que se encontrara subitamente. Sentiu-se como se tivesse acordado dentro daquela grandiosidade polida e envernizada, sem uma memória nítida das circunstâncias que a haviam trazido até Filadélfia. Clara piscou os olhos, ao lembrar-se. A vivenda abandonada. A morte da vovó. Nos seus últimos momentos, a sua velha avó a escrever uma carta a uma amiga de há muitos anos. A vovó a incitar Clara a deixar a quinta dos Hartleys, tal como os próprios Hartleys tinham feito, fugindo da aproximação dos britânicos e dos iroqueses.

— Eu sou a senhora Quigley, governanta dos Shippens.

— Muito gosto em conhecê-la, senhora Quigley.

— Sim, bem... — A resposta da governanta esbateu-se num suspiro ao inspecionar a aparência de Clara. Clara permaneceu quieta, sentindo as bochechas a ficarem mais quentes; o seu saiote de linho para o tempo quente estava amarrotado e cheio de pó por causa da viagem, mas era o único do seu género que ela possuía. Só o retirava do seu guarda-roupa quando o tempo mudava e o ar fresco do outono exigia o seu saiote de lã. Ao contrário do que acontecia com aquela governanta, as roupas de Clara não eram compradas numa loja, mas fiadas em casa, e cosidas pela vovó. Clara usava um saiote e um corpete de algodão às riscas, um tecido esbranquiçado com listras azuis. O seu avental, outrora branco, fora lavado tantas vezes que apresentava agora uma coloração amarelada.

— Segue-me, Clara. — A senhora Quigley virou-se e atravessou a divisão com vários passos vigorosos. Clara seguiu-a, apressando-se a absorver o espaço à sua volta enquanto lhe acompanhava o passo. O vestíbulo dianteiro da casa dos Shippens era bem iluminado por uma parede de janelas largas e limpas. O ponto fulcral, a meio do vestíbulo, era uma extensa escadaria, que fazia erguer os olhos num arco lânguido até chegar ao primeiro andar. Afastada da entrada, encontrava-se uma lareira de ácer. O fogo crepitava, mesmo naquela tarde quente de primavera, enchendo o vestíbulo dianteiro com o seu aroma acolhedor, que se misturava com os cheiros distintos a lustra-móveis e a perfume de senhora.

— Isto é bastante mais grandioso do que a vivenda da quinta, imagino. — A senhora Quigley virou-se mesmo a tempo de apanhar

Clara, de olhos arrebatados, a examinar um xaile, leve como uma pena, de um azul leitoso de ovo de pintarroxo. Era comprado numa loja e refinado, com as orlas bordadas com sedosas flores amarelas, as suas cores tão vivas como uma manhã de primavera. Fora deixado, descartado ao acaso, sobre as costas de um cadeirão estofado, como se a sua proprietária se pudesse dar ao luxo de ser descuidada com um artigo tão requintado.

— É o xaile da menina Peggy. É melhor voltarmos a pô-lo no guarda-fatos, onde é o seu lugar, ou vamos faltar-nos de ouvir falar no assunto. — A senhora Quigley pegou no artigo dispendioso. — Ora muito bem. Segue-me, rapariga. — Clara atrelou-se à governanta, passando o vão de uma porta e entrando numa ampla sala de visitas. O mobiliário dos Shippens parecia concebido tanto para impressionar os olhos com a sua decoração ornamental como para atrair o corpo para o seu conforto de pelúcia. As cadeiras da sala de visitas eram esculpidas em mogno liso, com as suas curvas esguias envernizadas até ficarem com um brilho acetinado. As pernas de Clara sentiram-se, subitamente, pesadas como chumbo, devido à fadiga; como lhe apetecia afundar-se, apenas por um instante, numa daquelas cadeiras.

— Parece que nunca estiveste no interior de uma sala de visitas, rapariga — observou a senhora Quigley, alisando uma almofada de seda num cadeirão ao pé delas.

— Como esta, não, nunca estive, 'nha senhora. — Os olhos de Clara deambularam famintamente por cada detalhe da divisão silenciosa, com o único som a provir de um relógio de caixa, mais alto que a própria Clara, que ocupava um canto distante. Quadros a óleo com molduras de bronze adornavam as paredes. Uma mancha suave da luz do sol de maio fluía através das janelas, misturando-se com as sombras dançantes lançadas pelas velas, novas e brancas, nas suas arandelas. *Quão requintadas serão as pessoas que frequentam estes espaços*, pensou Clara. À noite, quando a luz do sol se eclipsar e só a luz das velas permanecer, quão fácil deve ser para eles irem para um canto e sussurrarem alguma bisbilhotice ou escutarem um verso da poesia de um admirador.

— Chega de devaneios. Em que estás a pensar, rapariga?

— Isto... isto é lindo — gaguejou Clara, olhando à sua volta com um espanto maldisfarçado.

— É bonito, não é? Claro que todos os dias ouvirás dizer que o dinheiro desapareceu e a mobília está a passar de moda, mas eu acho

que é mesmo muito requintada. — A senhora Quigley sorriu, com a pele em torno dos seus olhos sérios a enrugar-se ao formar um padrão suave e desgastado. — Bem, Clara, fizeste uma longa viagem do campo até cá; vamos para dentro, para recuperares o fôlego. — A senhora Quigley conduziu Clara através da sala de visitas, passando por um salão mais pequeno, elegantemente decorado, com paredes cor de salmão, estantes de livros, e um sofá de seda defronte de uma mesa de jogar às cartas.

— Livros para o juiz, cartas para as senhoras. É assim que eles passarão as noites. Claro que a menina Peggy não se contentará com nenhuma dessas atividades: quer sair para dançar todas as noites. — A senhora Quigley mantinha um passo vigoroso ao atravessar a divisão. À saída do salão, uma porta dava entrada para uma ala separada, que podia ser isolada da parte dianteira da casa. As duas mulheres seguiram então por um corredor comprido e estreito. Aí, não brilhava qualquer luz, exceto a que penetrava pelas pequenas janelas dos quartos de ambos os lados do corredor, e não havia nenhuma ornamentação nas paredes brancas e limpas. Clara deitou olhares rápidos para dentro dos quartos ao seguir a governanta. Alguns quartos pareciam ocupados, outros, abandonados. Aquela ala, apercebeu-se ela, abrigava os criados da família Shippen.

Clara espreitou para dentro dos quartos vazios ao passar: a maioria continha apenas a armação da cama e bispotes por estrear, mas pareciam confortáveis e de um bom tamanho.

— Senhora Quigley, se faz favor, porque é que estes quartos estão todos vazios?

A senhora Quigley suspirou, chocalhando um molho de chaves de latão ao conduzir Clara mais para o fundo do corredor. A velha mulher parecia não estar certa de como responder à questão.

— Há apenas alguns anos estávamos com a capacidade máxima, com duas criadas em cada um destes quartos. Mas tivemos de despedir tanta gente que, agora, a maior parte dos quartos está vazia.

— Por causa da guerra? — perguntou Clara.

— Tu és curiosa, não és? — A senhora Quigley olhou para trás, para Clara, por sobre o ombro, estudando-a por um momento antes de responder num tom abafado. — És capaz de ter ouvido dizer que o juiz Shippen se recusou a tomar partido: nem pelos colonialistas nem pelos rebeldes.

Clara assentiu. Os Shippens eram uma das famílias mais proeminentes da cidade. As notícias tinham chegado tão longe quanto a quinta dos Hartleys, quando o Dr. William Shippen, o primo do juiz, tomara afincadamente o partido dos independentistas. Fora então que o seu primo, o novo empregador de Clara, cortara todas as transações de negócios, para evitar parecer adepto de qualquer dos exércitos.

A senhora Quigley continuou num tom surdo.

— Sem muito dinheiro a entrar, tivemos de racionar as operações, agora que estamos em guerra.

Clara perguntou-se por que motivo é que a estavam a acolher numa residência naquelas circunstâncias. A senhora Quigley deve ter-lhe adivinhado os pensamentos.

— Mas a menina Peggy lutou muito para preencher o teu posto; insistiu com o pai que tínhamos necessidade de uma aia na residência. Porque eu, enfim, estou suficientemente atarefada com a gestão da casa, de modo que mal tenho tempo para tratar da senhora, já para nem falar das suas duas filhas.

— Como são elas? — perguntou Clara.

— As meninas Shippen?

— Sim — assentiu Clara.

A senhora Quigley considerou a questão.

— Verás com os teus próprios olhos, dentro em breve. — A velha senhora parou ao fundo do corredor. — Cá estamos nós, Clara. Faz favor de entrar.

Clara hesitou, ficando parada.

— É o teu quarto, rapariga — disse a governanta. — Entra.

Clara passou pela governanta, com os olhos baixos. O seu quarto? Seria o primeiro quarto que alguma vez tivera só para si. Na quinta dormira sempre sobre um fardo de palha ao lado da lareira da cozinha, com o corpo da vovó a ressonar enroscado a seu lado. Mas, ali, tinha a armação de uma cama. E uma porta que podia ser fechada, oferecendo-lhe um privilégio inteiramente novo: a privacidade.

Claro que, comparados com a parte da frente da casa dos Shippens — com mesas a não servirem para nada que não para receberem jogos de cartas, e taças de prata a não servirem para nada que não para conterem flores, estes alojamentos eram desenxabidos, mas Clara mal conseguiu conter uma risada face à ideia de ter o seu próprio quarto.

— Temo que não seja nada de luxuoso. Mas serve-te? — A senhora Quigley remexeu nas chaves de latão, aparentemente inquieta por partir para a sua tarefa seguinte.

— Se me serve? Ora, um quarto só para mim... — Clara olhou ao redor do seu novo domínio. Havia apenas um colchão de palha sobre uma armação de ferro enferrujado. Uma cómoda simples de nogueira escura encontrava-se encostada à parede oposta, e uma secretária estreita e um banco ocupavam o canto. A janela, pequena mas luminosa, dava para as traseiras da casa. Clara atravessou o quarto e espreitou para fora da janela. Espiou o jardim de aparato, feito ao estilo continental, com arbustos rigorosamente recortados, roseiras podadas, e um tapete de relva bem tratado. Para lá do jardim, havia um pequeno pomar, com as suas árvores a aparentarem suster os primeiros sinais de maçãs. Flores de cerejeira desabrochavam ao calor de maio, formando elegantes colunas em caminhos com sombra. A relva bem cuidada, tão diferente dos campos selvagens da quinta, era intersetada por serpenteantes trilhos de seixos, onde as meninas deviam passear ao receberem visitantes elegantemente vestidos. Os cantos das aves trespassavam o céu azul, tal como acontecia com o aroma das flores de pétalas recentes. Era um Éden no meio da cidade mais movimentada da colónia.

Atrás do jardim, havia um estábulo quadrangular, onde Clara espiou um rapaz jovem sentado entre as portas largas. Clara observou essa figura a dedilhar uma melodia simples numa guitarra artesanal, como se se estivesse a entreter a si próprio enquanto aguardava a chegada de alguns cavaleiros. Apercebendo-se subitamente de que estava a ser observado, o moço de estrebaria parou com a cantilena, olhando para cima a tempo de cruzar o seu olhar com o de Clara. Ela inclinou a cabeça para trás por detrás da janela, corando.

— Oh, portanto já viste o Caleb. — A senhora Quigley estava a seu lado à janela, escancarando-a para permitir a entrada do ar fresco da primavera.

— Quem é ele, 'nha senhora?

— É o desordeiro residente. — A senhora Quigley teve um sorriso maroto, ao limpar o pó do parapeito.

Clara voltou a olhar lá para fora e reparou que o rapaz chamado Caleb já não estava sentado no seu posto. Inspirou, assimilando o cheiro inebriante das flores frescas.

— Senhora Quigley, já se habituou a tudo isto?

— Sim, é uma bela casa antiga, isso é certo, mas não deixes que ela te seduza. Há muitas coisas que se podem ver nesta casa que não são lá muito bonitas. — As sobrancelhas da senhora Quigley arquearam-se por um momento antes de o seu rosto se suavizar. — Clara, espero que não leves a mal que to diga, especialmente por nos termos acabado de conhecer, mas és exatamente igual à tua avó. Quando era muito mais nova, está claro.

Clara baixou os olhos, subitamente toldados ao ser mencionada a sua vovó.

A senhora Quigley continuou.

— Ela era uma querida amiga minha, e fiquei contente por ter a oportunidade de ajudá-la.

— Obrigada, 'nha senhora.

— Sei que vais ter saudades dela.

— Certamente. — Os olhos de Clara estavam atormentados pela ameaça de lágrimas, mas não desejava chorar em frente da sua nova chefe. Ainda assim, parecia-lhe estranho, ilógico, referir-se à sua avó como alguém que fazia parte do passado.

— Quando ela me escreveu, a pedir-me que te arranjasse um emprego na residência dos Shippens, fiquei desejosa de ajudar. Tudo para tornar o seu descanso final um pouco mais fácil. — A senhora Quigley suspirou, e Clara mordeu os lábios, hesitando em responder, não se fosse dar o caso de a sua voz falhar. — Mas já chega desse assunto. Onde é que nós íamos? Achas que ficas confortável aqui?

— Muito. — Clara endireitou a postura, grata por mudar de tema.

— Ainda bem. — A senhora Quigley deu uma palmada no colchão, produzindo uma nuvem de pó. — Receberás uma vela nova por semana, e não mais que isso, pelo que deves ter atenção ao modo como usas a tua iluminação noturna. Quanto às penas e à tinta, terás de requisitá-las caso a caso.

Clara pensou naquilo: não tinha ninguém a quem escrever.

— O juiz Shippen tenta ser generoso, mas só consegue fazer um tanto, especialmente porque tenta que a Betsy e a Peggy usem as últimas modas. — Clara percebia, pelos modos sucintos da governanta, que se tratava de um assunto que esta já discutira. — Bem, Clara, supinho que queiras mudar de roupa antes de ires conhecer as meninas Peggy e Betsy?

— Mudar? — Clara olhou, pela segunda vez, com olhos reprovadores para a sua própria aparência. — Oh, 'nha senhora, eu só tenho mais um saiote no meu saco, e é de lã.

— Só mais *um* saiote? Não te davam roupa, lá nessa quinta? — A senhora Quigley era uma mulher bondosa, mas mal conseguia ocultar a sua consternação.

— Só o que a vovó e eu tínhamos tempo para costurar. Desculpe, 'nha senhora.

— Oh, não peças desculpa, rapariga. — A senhora Quigley suspirou. — Vou falar com o meu marido. Ele é o escudeiro do juiz e o capataz dos criados. Vamos ver o que se arranja. Talvez te possamos adiantar um pouquinho do teu ordenado para comprares roupas novas. Agora, és aia das senhoras Shippen, e vamos querer que o pareças. Bem — a governanta fez uma pausa, enchendo o peito com uma inalação longa e lenta —, vamos ter com as meninas Shippen.

Clara seguiu a senhora Quigley pelas escadas que ligavam os alojamentos dos criados ao primeiro andar.

— Esta é a nossa passagem, para podermos circular para cima e para baixo sem perturbar a família. — A respiração da senhora Quigley tornou-se irregular ao subir as escadas. Clara reparou numa mulher baixa e gorda, com cabelo cor de laranja, que descia as escadas na direção delas, carregada com uma braçada de roupa de cama. — Oh, olá, Brigitte, mudaste as camas?

— Sim, senhora Quigley.

A senhora Quigley parou, olhando para a mulher.

— Clara, esta é a Brigitte, a camareira. Brigitte, apresento-te a Clara, a nova aia da menina Peggy e da menina Betsy.

— Muito gosto, Brigitte. — Clara fez uma vénia à mulher mais velha.

Brigitte acenou com a cabeça, num cumprimento mudo, mais ou menos na sua direção, antes de passar por elas ao continuar a descer as escadas.

— Mais tarde, teremos tempo para as apresentações ao resto dos criados. Por agora, é importante que conheças as senhoras. — A voz da senhora Quigley tornou-se mais baixa enquanto Clara a seguia, subindo um lanço de escadas íngreme e estreito. — As senhoras devem regressar a qualquer momento de andarem a cavalo, pelo que, primeiro, vamos devolver este xaile ao quarto da menina Peggy. Encontrar-nos-emos

primeiro com a menina Peggy, e tens de tentar causar boa impressão. Verás, muito rapidamente, que a menina Peggy é a favorita do juiz.

— O juiz só tem duas filhas? — perguntou Clara.

— O juiz e a senhora Shippen tiveram quatro filhos. A menina Elizabeth, a quem chamam Betsy, é a mais velha. Casar-se-á em breve, o que será um enorme alívio para o meritíssimo. À Betsy segue-se a menina Margaret: chamam-lhe Peggy. E, depois, dois rapazes, que morreram ambos. — A senhora Quigley suspirou. — Uns rapazes tão doces: foi uma pena tão grande perdê-los tão novos.

Clara acenou com a cabeça uma resposta silenciosa.

— Portanto, agora são só a menina Betsy e a menina Peggy. Tanto quanto me foi dito, é suposto servires tanto a menina Betsy como a menina Peggy, mas veremos como farão elas para te partilharem. A menina Betsy não parece precisar de ter uma aia só para si, especialmente dado que ela e a senhora Shippen andam, por estes dias, tão preocupadas com o casamento que se aproxima. — A governanta inclinou a cabeça. — Quando a menina Betsy se casar com o senhor Burd, só ficará a menina Peggy em casa. Provavelmente, será ela a requerer mais do teu tempo e da tua atenção.

— São próximas, as meninas Shippen? — Clara parou ao cimo das escadas.

— Bem... — A senhora Quigley sopesou as suas palavras. — São muito diferentes. Creio que nunca ouvi uma palavra zangada da menina Betsy. A menina Peggy... — A governanta olhou para baixo, para o xaile azul-claro da sua jovem patroa, meditando na sua proprietária ausente. Quando prosseguiu, o seu tom era quase um sussurro. — Estou certa de que já leste acerca da menina Peggy... nas páginas de sociedade?

— Não, 'nha senhora. Nós, os criados, não tínhamos muitas oportunidades de ler as páginas de sociedade na quinta dos Hartleys — respondeu Clara.

— A menina Peggy é — a velha senhora fez uma pausa — bastante bonita. Uma das favoritas dos jovens oficiais britânicos de Filadélfia. Esperta. E... determinada.

Clara tentou imaginar a sua nova patroa sentada na sala de visitas formal do andar de baixo, perorando no meio de um grupo de oficiais admiradores, mas, subitamente, considerou difícil conjurar essa imagem; nenhuma das raparigas da quinta dos Hartleys habitara o mesmo mundo que Peggy Shippen.

— É melhor nunca deixares a menina Peggy à espera. E em caso algum deves discutir com ela. Tenta não despertar o seu mau feitio. — A senhora Quigley olhou para Clara, nas escadas escuras, com... o que seria? Compaixão? — Claro que vais aprender tudo isto por ti própria, com o passar do tempo. Se ficares, quer dizer.

E, com estas últimas palavras, a senhora Quigley empurrou a porta para passar das escadas dos criados para o corredor do segundo andar. Aí, mesmo à luz do dia, as velas das paredes estavam acesas, produzindo uma luz pálida e ambarina que dançava sobre os quadros a óleo emoldurados. Como era possível, perguntou-se Clara, possuir tantos quadros? Clara examinou o vestíbulo sossegado, coberto por um tapete vermelho muito bem tecido, sem dúvida comprado a um fabricante de tapetes de Londres. Ela tentou caminhar com suavidade, mas a madeira do chão rugeu sob as suas botas e fê-la sentir-se tão graciosa como um boi. Aquele vestíbulo, o sossegado reino interior da família Shippen, parecia-lhe um espaço privado em que ela não tinha nada que meter os pés. Compreenderia a menina Peggy quão belo era o seu lar?, perguntou-se Clara. Ou seria aquele corredor, para ela, apenas mais um?

A senhora Quigley conduziu Clara para lá de uma porta aberta que dava para um quarto de dormir grandioso, com janelas tão altas quanto o teto, e a armação da cama envolta em cortinas cor de marfim. Clara espreitou mas não parou até chegarem à porta seguinte.

— A suíte da menina Peggy. — A governanta deteve-se na soleira da porta, olhando, uma vez mais, por cima do ombro, para a aparência modesta de Clara. — Estás pronta?

— Sim. — Clara assentiu, mas toda aquela pompa conseguira arruinar-lhe completamente os nervos. Ao entrarem, Clara arfou, com o olhar a dirigir-se para cima, para o teto alto. À sua frente, portas-janelas, do chão ao teto, ofereciam uma vista sobre os mesmos jardins que Clara acabara de admirar. Algures lá em baixo, passavam cavalos, e o som das ferraduras sobre as pedras chegava até elas como uma serenata constante. A cama de dossel da menina Peggy erguia-se muito acima do chão, e parecia que poderiam caber, facilmente, quatro pessoas sob o seu baldaquino de seda creme. Em cima da cama, além de uma pilha de almofadas de penas forradas a cetim, havia vários vestidos de seda, todos eles mais caros do que o ordenado mensal de Clara. Encontravam-se numa desarrumação amarrotada e descuidada,

atirados para o lado depois de uma festança pretérita, agora terminada, como pratos com restos num festim formal, esquecidos mal os convivas passam à sobremesa.

— E que tal um pouco de ar puro? Que me dizes a isso? — A senhora Quigley atravessou o quarto com o seu passo autoritário, puxando tempestuosamente as portas-janelas, como se não sentisse necessidade de andar em bicos de pés naquele espaço. — Bem, não fiques aí parada como uma saca de farinha, Clara. Ajuda-me a abrir as janelas. — A senhora Quigley olhou para a sua nova contratação com uma mistura de divertimento e frustração. — A menina Peggy tem estado a andar a cavalo toda a tarde com a irmã, a menina Betsy, e o pretendente da menina Betsy, o senhor Edward Burd.

— A menina Betsy também dorme aqui? — Clara olhou para a cama de ácer, demasiado grande, pensando que talvez fossem duas a ocupar o espaço.

— Partilharem um quarto? Ah! Achas que as jovens Shippen alguma vez iam *partilhar* um quarto?

— Não há dúvida de que é suficientemente grande para duas pessoas.

— Às vezes, a própria casa não é suficientemente grande para aquelas duas. Duravam um dia, antes de a menina Peggy estraçalhar a irmã, como se fosse um gato selvagem. Não, a menina Betsy dorme no quarto ao lado, pelo qual acabámos de passar.

— Oh. Que quarto tão grandioso para uma pessoa ter só para si — disse Clara. Na quinta dos Hartleys, teriam vivido cinco pessoas naquele espaço. — Todos os quartos da casa são assim tão grandes?

— Se achas que o quarto dela é uma grande coisa, devias ver o guarda-fatos. — A governanta apontou na direção do canto do quarto, onde se encontrava uma imponente estrutura de madeira de pinho envernizada. A senhora Quigley dirigiu-se ao armário, dobrando com cuidado o lenço de seda azul e enfiando-o numa gaveta. — Claro que ela se preocupa e queixa por serem todos vestidos fora de moda, mas eu acho que têm um ar ótimo. Com a guerra, já é de espantar que ela consiga, de todo, vestidos novos.

À distância, do outro lado do jardim, moviam-se figuras rumo ao estábulo. Clara olhou pela janela e viu o mesmo rapaz — a senhora Quigley chamara-lhe Caleb — em que reparara anteriormente. Ele guardara a guitarra e conduzia pelo freio um cavalo de peito ancho, de

um tom castanho-forte. O coração de Clara deu um salto; queria aquilo dizer que a sua nova patroa tinha regressado a casa do seu passeio?

— Desvia-te da janela, rapariga, e escuta o que te digo — lançou a senhora Quigley, assumindo, subitamente, uma pose rígida. — Depois de um dia a andarem a cavalo, as meninas vão querer tirar as roupas de montar. É melhor ajudares a menina Peggy primeiro, só para não haver maçadas. A menina Betsy não tem problemas em vestir-se sozinha. As meninas têm um evento social a que vão logo à noite, pelo que a menina Peggy escolherá um dos seus vestidos mais chiques. Provavelmente, queixar-se-á a ti por não ter nada de novo para vestir. A rapariga nunca deixa o seu pobre pai esquecer-se de que quer roupas novas.

Clara assentiu, sentindo os nervos ficarem tensos.

— E tens de penteá-la para o jantar. Sabes pentear? — perguntou a senhora Quigley.

— Sei. Às vezes, penteava a senhora Hartley — respondeu Clara, aliviada por estar à altura da tarefa, pelo menos num aspeto.

— Provavelmente, a menina Peggy quererá um penteado diferente, mas não faz mal, limita-te a fazer o que ela te disser. — A senhora Quigley cruzou as mãos sobre a cintura.

No andar de baixo, uma porta abriu-se e fechou-se. O vestíbulo dianteiro encheu-se com o som de risos femininos.

— Estou a ouvi-las. Regressaram. Depressa, Clara, põe-te direita.

Clara sentiu uma sensação de desconforto crescente ao tentar acalmar os seus nervos instáveis. O facto de a velha senhora parecer agora tensa, também ela, não ajudava nada. Como é que se permitira pensar que ela, Clara Bell, teria lugar numa casa como aquela? Alisou a saia para baixo e ajustou a touca.

— Não te inquietes, rapariga. Limita-te a estar quieta. — A ordem brusca da senhora Quigley pouco fez para acalmar as preocupações de Clara.

Os passos subiram a grandiosa escadaria em espiral, ouvindo-se o bater dos saltos das senhoras na madeira. Então, o sapatear dos calcanhares tornou-se mais abafado à medida que Peggy desfilava pelo corredor atapetado. Os olhos de Clara estavam fixados na porta, pelo que a viu abrir-se mais. Clara respirou fundo e assumiu um semblante com um sorriso educado, ao ver uma figura ligeira e abonecada aparecer à entrada. A jovem menina, que parecia ter a mesma idade que Clara,

fixou os seus olhos azul-claros nas duas figuras que se encontravam junto à sua cama.

— *Ah!* — guinchou Peggy Shippen, recuando para a porta. — Oh, senhora Quigley. — Ela disse o nome como se fosse uma censura, agarrando-se ao peito com uma mão pequena e enluvada. — Pregou-me cá um susto.

— Por favor, desculpe-me, Dona Peggy. — A senhora Quigley inclinou a cabeça, submissamente, e Clara imitou-a. — Devíamos tê-la avisado de que estávamos no seu quarto.

— Sim, de facto, pensei que tinha visto um fantasma. — O olhar de Peggy passou da governanta para a rapariga desconhecida a seu lado. Clara ansiava por ajeitar-se, por assegurar-se de que o seu cabelo estava corretamente entalado na sua touca branca, mas então lembrou-se das instruções da senhora Quigley para que estivesse quieta. — E quem é essa consigo? — Peggy atravessou o quarto, atirando o pingalim para o chão, ao acaso, ao aproximar-se das duas criadas.

— Menina Peggy, esta é a Clara Bell. A nossa nova aia. Tratará de si e da sua irmã. — A senhora Quigley deu um passo em frente, apontando para Clara.

— Estou a ver. — Peggy assentiu, estreitando o olhar sobre Clara. — Portanto, vais ser a minha nova aia? — Peggy percorreu toda a altura de Clara com os seus olhos, contornando-a como se estivesse a examinar um cavalo na plataforma de um leilão. Ter uma rapariga como Peggy Shippen tão perto dela era uma sensação inteiramente nova para Clara; a presença de Peggy parecia espriar-se mais do que o seu pequeno corpo, espalhando-se por todo o quarto como o odor da sua pele impregnada de água de rosas.

Se Peggy Shippen pensava que a sua própria aparência parecia simples ou fora de moda, que pensaria ela das vestimentas da aia?, perguntou-se Clara. Peggy era baixa e magra, com o seu vestido elaborado ajustado por forma a chamar a atenção para a sua cintura estreita. Usava um casaco de montar de seda, de um verde-seco carregado, com um colarinho de veludo negro e punhos a condizer. Os botões da frente estavam fechados, para que o casaco, perfeitamente ajustado à medida para o seu corpo, assentasse confortavelmente. A saia que o acompanhava drapeava sobre um cós de cintura larga, para que a sua cintura esbelta se expandisse, formando um fascinante contorno de ampulheta. Na cabeça, Peggy usava um pequeno quepe da mesma seda

verde, que assentava impecavelmente sobre os caracóis louros que tinha apanhados para trás, sobre a nuca.

— Obrigada por me trazer, senhora Quigley. — Peggy voltou-se de novo para a sua governanta. — Agora, pode deixar-nos.

A senhora Quigley fez uma vénia e, então, lançando uma breve mirada na direção de Clara, abandonou o quarto. Clara, ciente de que a etiqueta ditava que não fosse ela a primeira a falar, manteve o seu olhar fixado no chão de madeira.

— A nova aia. — Peggy estava agora defronte de Clara. Mesmo com as suas botas de montar de pele, com saltos, era vários centímetros mais baixa do que Clara. — Olha para mim.

Clara obedeceu, levantando o seu olhar do chão para um par de olhos redondos e brilhantes.

— Como é que disseste que te chamavas? — Peggy caminhou na direção da sua nova aia, chocando Clara ao colocar a sua mão nas dela.

— Clara Bell, 'nha senhora.

— E o que é que esperas vir a fazer por mim no meu quarto?

— Foi-me dito para ajudá-la a si e à menina Betsy a vestirem-se para o jantar, menina Peggy.

— Não te preocupes em ajudar a Betsy — disse Peggy. — Ela está lá em baixo a provocar o noivo, dando-lhe esperanças de vir a receber um beijo de despedida. Pobre Neddy, mais valia cortejar uma freira.

Clara sentiu as bochechas a ficarem vermelhas ao baixar os olhos para as pranchas do soalho.

— Vais ajudar-me a vestir, Clara. — Peggy fez uma pausa momentânea antes de sorrir. — Não é justo teres de dividir o teu tempo entre mim e a minha irmã. Ora, a Betsy já arranjou um noivo.

— Como desejar, 'nha senhora. — Clara cerrou os punhos, torcendo o tecido de algodão das suas saias entre os dedos. Era melhor ficar calada; era melhor não ter opinião acerca daquela luta fraternal, disse para consigo mesma.

Peggy prosseguiu.

— Acho que tu e eu vamos ser grandes amigas. — E, com isso, Peggy levantou a saia, oferecendo um relance súbito das suas calcinhas, ao afrouxar os atacadores das suas botas de saltos. — Sabe bem tirar estas botas.

Clara assentiu, estendendo os braços em frente para receber as botas da sua patroa. Com os pés agora cobertos só pelas meias, Peggy

atravessou o quarto e sentou-se no seu toucador, frente a um espelho largo e limpo.

— Bebi demasiado vinho hoje à tarde. — Peggy bocejou, tirando o seu quepe e abanando os caracóis louros, para soltá-los. — É que fico tão encantada com um bom vinho, o vinho francês, como o que costumávamos beber antes da guerra. O pai já não o compra. — Peggy passou os dedos pelo cabelo, ainda a bocejar. — Além disso, o vinho é a única maneira de passar o tempo com aqueles dois. São tão aborrecidos.

— Talvez tenha tempo para uma sesta, minha senhora? — sugeriu Clara, timidamente, sem saber que mais dizer.

— Não — respondeu Peggy distraidamente, ao inclinar-se para mais perto do espelho, para examinar o rosto. — Tenho de vestir-me. Depois do jantar, a Betsy e eu temos uma grande noite: danças e jogos de cartas em casa de Lorde Rawdon.

— Estou a ver. — Clara acenou com a cabeça.

— Bem, de que é que estás à espera? — Peggy virou-se, olhando fixamente para a aia. — Veste-me!

— Oh, sim, claro. — Clara affligiu-se, fazendo passar o peso de um pé para o outro.

— Então? Que se passa? — Uma frustração maldisfarçada permeava agora a voz de Peggy, e Clara recordou-se do conselho da velha governanta: nunca ires a menina Peggy.

— Minha senhora, terei todo o prazer em ajudá-la a vestir-se. Só que... — Clara estendeu as mãos em frente, com as unhas entranhadas de sujidade e as palmas das mãos manchadas por causa da estrada poeirenta. — Talvez possa lavar as mãos primeiro?

O ânimo de Clara afundou-se face ao olhar de irritação que perpassou o rosto da sua nova patroa.

— Muito bem. Anda cá. — Peggy ofereceu-lhe a sua bacia de água fresca. Enquanto Clara mergulhava as mãos na taça refrescante, agitando as pétalas de flores que aí boiavam, Peggy observava-a. — Como é que conseguiste este emprego, Clara? Onde é que trabalhavas antes?

— Com certeza, minha senhora. Trabalhava na quinta dos Hartleys, em Lancaster. — Clara secou as mãos com o avental. — Mesmo ao lado da quinta da sua própria família, onde viveram dois anos quando deflagrou a guerra.

— Eu sei onde fica Lancaster. — Peggy estreitou os olhos, assumindo um tom subitamente frio. — Não voltes a mencionar essa quinta,

percebeste? — Peggy abanou a cabeça, piscando as pálpebras como se para conter as lembranças que Clara lhe trouxera à ideia. Quando voltou a falar, a sua voz readquirira a compostura. — Houve coisas que aconteceram lá que... que eu não desejo recordar.

— Peço muita desculpa. — Clara encolheu-se. Aquilo não estava a correr nada bem, e a advertência da senhora Quigley pareceu-lhe subitamente profética: ela não ia durar ali muito. Fora tolo pensar que ela, Clara Bell, uma criada da quinta dos Hartleys, estaria à altura de servir uma senhora como a menina Peggy Shippen.

Clara detetou o som de passos a subirem a escadaria.

— Peggy? — gritou uma voz de mulher.

— É a Betsy. — Peggy virou-se para a aia. — Depressa, corre para trás do meu guarda-fatos, desaparece. Vai! — Peggy praticamente empurrou Clara para longe dela, e Clara obedeceu, com o coração aos pulos ao esconder-se atrás da pesada peça de mobiliário.

— Peggy. — Uma voz medrosa passava agora pela entrada do quarto. Do lugar onde estava, Clara conseguia ver a menina Peggy, mas não a sua irmã mais velha.

— Oh, Betsy, olá. Bem, deixaste o senhor Neddy Burd ver um centímetro do teu corpo? Talvez um beijo, ainda que apenas na cara? — A voz de Peggy era fresca e zombeteira, ao virar-se no seu assento frente ao espelho.

— Para de gozar, Peggy.

— O pobre homem parece mais apertado do que uma mola. Pelo menos, não o deixas ver um relance do teu tornozelo, Bets? Ele pode ser paciente, mas até os santos têm os seus limites.

— Peggy, para de ser vil, ou vou contar ao papá.

— Oh, o que é que tu queres, Bets? — Peggy inclinou a cabeça para o lado.

— A senhora Quigley disse-me que está cá a nossa nova aia.

— Está? — Peggy soava aborrecida.

— Sim. A senhora Quigley disse-me que ela estava contigo.

Peggy ergueu as mãos, como se para perguntar: *Onde?* Clara recuou mais para trás do armário, sentindo-se tão culpada como um ladrão.

— Mas... A senhora Quigley acabou de dizer-mo.

— Bets, vês perfeitamente bem que eu estou aqui e que essa tal aia não está. Que queres que te diga?

Betsy parou, em silêncio.

— Onde é que ela foi?

— Não sei, Bets, ainda não lhe meti a vista em cima.

— Oh — disse Betsy. — Bem, se ela aparecer, manda-la ter comigo?

Gostava de ter ajuda para me vestir.

— Claro — concordou Peggy, num tom amável.

— Mas prometes, Peggy?

— Mando-a ter contigo, prometo. Agora, Bets, estou a começar a vestir-me. Sê uma querida e fecha a porta, sim?

Betsy saiu sem dizer palavra, fechando a porta silenciosamente atrás de si.

— Anda cá. — Peggy voltou a virar-se, de modo que o seu olhar estava agora fixado na aia, através do espelho. Acenou com a mão. — Disse-te para chegares aqui. — O seu rosto era encorajador, até mesmo doce. Clara deu uns passos em frente, mantendo os olhos baixos.

— Obrigada. — Peggy pegou na mão de Clara com as suas e apertou-a de modo suave e conspirativo. Clara sentiu-se desconfortável, pouco à vontade por, inadvertidamente, ter tomado parte numa mentira a uma das suas novas patroas.

— Ajoelha-te à minha frente, Clara. — Peggy incitou a aia a aproximar-se, com uma voz subitamente sedosa, e aquele tom doce fez mais para enervar Clara do que qualquer frieza anterior. — Sabes, Clara, tu não és *feia*. De facto, diria que és bastante bonita. Para uma rapariga do campo. — Clara virou-se para o espelho que estava à frente delas, olhando fixamente para as duas caras. A sua estava corada e era desinteressante, rosada após a longa viagem de Lancaster, ao sol, ao passo que a de Peggy era macia e lisa, como rendas acabadas de passar a ferro. Os seus aspetos eram semelhantes — ambas louras, de olhos claros —, mas o cabelo de Peggy era sedoso, com a textura do ouro acabado de fundir, ao passo que o de Clara parecia mais palha seca no final da colheita. Clara pensou que os seus olhos pareciam aborrecidos e sem cor, ao passo que os de Peggy eram de um azul muito brilhante, sob as sobrancelhas delineadas e umas longas pestanas. O olhar de Peggy era atento, as suas feições, ativas, como se se estivessem a aperceber de coisas, a compreendê-las, coisas essas em que Clara nem sequer reparara.

— Lisonjeia-me, menina Peggy. — Clara desviou o rosto do espelho, recuando para trás da sua patroa.

— Não, eu não lisonjeio as pessoas — respondeu Peggy, indiferentemente, colocando pó de arroz na ponta do nariz. — Elas é que me lisonjeiam. Vai buscar o vestido de seda cor-de-rosa.

— Sim, 'nha senhora.

— E vou precisar das minhas luvas de cetim branco, dos meus sapatos de salto brancos, do meu saiote de cós mais largo, e de qualquer uma das fitas, a branca ou a cor-de-rosa, que aches que fique bem com a seda cor-de-rosa do vestido.

Peggy enxotou Clara na direção do guarda-fatos, e Clara atravessou o quarto para ir buscar as peças solicitadas.

— Esta noite vai ser muito festiva. Claro que todas as noites são festivas, agora que os oficiais britânicos estão em Filadélfia — tagarelou Peggy, revestindo os lábios com banha cor-de-rosa, para lhes dar uma tonalidade brilhante. Clara olhava fixamente para o vasto abismo do armário repleto de Peggy. Um vestido cor-de-rosa. Mas devia haver vinte vestidos cor-de-rosa no guarda-fatos. Viu sedas em tons de cor-de-rosa que reproduziam as pétalas mais suaves da natureza: flores de cerejeira, túlipas, begônias, hidrângeas. Como é que ela alguma vez poderia determinar a qual é que a sua patroa se referia quando dissera «cor-de-rosa»?

— Então? — Peggy ainda estava ao toucador, aplicando ruge nas bochechas.

— Cor-de-rosa, cor-de-rosa, cor-de-rosa — murmurou Clara ao dedilhar o desfile de vestidos. Que sortuda seria a rapariga que possuísse apenas um daqueles vestidos, e a sua patroa era dona deles todos. Clara decidiu-se por aquele que determinou ser o correto, retirando-o com cuidado do seu cabide e transportando-o para junto da patroa. Quando Clara avançou para ao pé da patroa, viu que Peggy se tinha despido até ficar só com a camisola interior e o corpete, fazendo com que Clara corasse e baixasse os olhos. Ela admitia que uma senhora não precisasse de ser tímida com a sua aia, mas Peggy não parecia de modo algum inibida pela sua nudez.

— Oh, tu és tão acanhada como uma freira. Ou pior, como a minha irmã. — Peggy deu uma risadinha. — Quero que me voltes a apertar o corpete, para que fique mais justo. — Peggy virou-se ao contrário, para as costas ficarem voltadas para Clara. Agarrando-se com as mãos a um dos postes da cama, Peggy preparou-se para o ataque à sua cintura.

Clara desatou o nó existente e puxou os atilhos. A forma de ampuheta assegurada pelo corpete de osso para senhoras parecia muito menos confortável do que os corpetes de algodão usados pelas criadas, como ela própria, e Clara sentiu um apreço passageiro pelo seu guarda-roupa menos constritivo.

— Mais apertado, consigo aguentá-lo um pouco mais apertado — incitou Peggy, embora aparentasse lutar contra a falta de ar. — Preciso de ter a cintura mais pequena da festa de hoje à noite.

Clara assentiu, com pena da patroa, mas obedeceu às suas ordens, redobrando os seus esforços e puxando de novo o corpete. A parte de cima do corpete de Peggy esprou-se, enfatizando o aspeto de uns seios fartos e assegurando, também, que as mulheres fossem forçadas a andar com os antebraços para a frente, como dançarinas de balé. Com os cotovelos dobrados e as mãos entrelaçadas em frente da cintura, estaria na posição considerada mais refinada.

— Já chega. — Peggy encolheu-se, fechando os olhos por um momento. Clara apertou os atilhos e aguardou a ordem seguinte. Com o corpete apertado e a cintura contraída, Peggy apoiou-se em Clara ao deslizar para dentro do seu saiote de cóis largo. — Meu Deus! — Peggy fechou os olhos e tocou ternamente no ventre, ainda a ajustar a sua respiração constrita. — Leva sempre um minuto a adaptarmo-nos.

— Eu posso afrouxá-los. — Clara pegou nos atilhos, arrependendo-se de ter, porventura, apertado o corpete com demasiada firmeza.

— Não, não. — Peggy abanou a cabeça, com a respiração ainda dificultada. — Todos os cavalheiros gostam de imaginar que me deixam sem fôlego. Se ao menos soubessem que é o corpete. — Peggy abriu os olhos e sorriu para a sua aia. — Agora, a *pièce de résistance*. — Peggy apontou para o vestido que estava estendido sobre a cama, com a sua saia a ocupar toda a largura da armação desta. — Adoro mesmo este. — Peggy acariciou a seda rosada com afeto. — E ele também.

Clara, com a curiosidade espicaçada, ainda assim deixou o comentário passar-lhe ao lado, como uma brisa ao atravessar as janelas abertas. Segurou no vestido, abrindo-o, para ajudar Peggy a deslizar lá para dentro.

— Suponho que até a lealdade à Coroa Britânica tenha os seus limites. — Peggy deu uma risadinha.

— Desculpe, menina? — Clara enrugou a testa, incerta quanto ao significado daquilo.

— O meu vestido — disse Peggy. — É *à la française*.

— Oh, claro — assentiu Clara. Mas, ainda assim, fazia pouca ideia do que a sua senhora quisera dizer, e o sorriso afetado da menina Peggy indicava que esta suspeitava disso.

Peggy apontou para baixo, para o seu vestido.

— A faixa apertada que se vê à frente é a última moda na corte francesa. E agora na britânica.

— É, deveras, muito requintado — respondeu Clara, admirando a figura da sua patroa. A parte de cima do vestido, com a sua faixa de seda branca, colava-se às curvas de Peggy antes de a saia ampla se derrear sobre os aros laterais e descer em cascata até ao chão, no seu rico e sedoso esplendor. A pele macia e branca dos braços de Peggy espreitava sob as mangas de renda franzidas. O decote, decorado por uma estreita fiada de pérolas, vinha até baixo, para dar uma sugestão dos seios de Peggy.

Vestir Peggy Shippen era uma forma de arte, apercebeu-se Clara, e a sua patroa tinha mais ornamentos em mente só para aquela noite do que Clara possuía em todo o seu saco de viagem. Depois de o vestido ter sido confortavelmente apertado à volta dos contornos da sua figura diminuta, havia acessórios que tinham de ser colocados nos seus lugares: meias com cintas acima dos joelhos, sapatos brancos de cetim nos pés, brincos de pérola que pareciam grandes gotas de chuva.

— Parece uma boneca, se me permite que lho diga, menina. — Clara estava maravilhada, com os nervos a afrouxarem sob o reconfortante tónico da disposição cada vez mais entusiástica da sua patroa. Cada vez que Peggy se via de relance ao espelho, as suas feições pareciam ligeiramente mais acesas.

— Temos de nos despachar, ou atrasamo-nos para o jantar, e não íamos querer que o pai se queixasse — murmurou Peggy, sentando-se cuidadosamente no seu assento acolchoado frente ao espelho. — Bem, de que é que estás à espera, Clara? — E olhou para a aia.

Clara devolveu-lhe o olhar, espantada; que mais poderia ser feito para afinar a aparência da menina Peggy? Não seria altura de ela sair e ir ajudar a menina Betsy?

— Sei em que é que estás a pensar. Esquece a Betsy, vem arranjar-me o cabelo — ordenou Peggy, num tom seco.

— Sim, menina Peggy — respondeu Clara, deslizando para trás da sua patroa. Portanto, talvez não viesse a ter tempo para conhecer a menina Betsy antes do jantar. — Como quer que o penteie?

— À maneira continental, como aquela rainha francesa — respondeu Peggy, enquanto passava mais cor sobre os lábios. — Quanto mais alto, melhor. — Clara vira, por vezes, imagens da rainha francesa nos jornais; sabia que a noiva de Luís XVI tinha feito do *pouf* a última moda.

— As raparigas da tua quinta vestiam-se assim tão bem? — Peggy exibiu um sorriso deslumbrante para Clara, através do reflexo no espelho.

— De modo algum, 'nha senhora. — Clara puxou o cabelo de Peggy entre os dedos. — Creio que a senhora Hartley nunca me pediu para lhe arranjar o cabelo assim como o de uma rainha. — Ela sorriu, surpreendida mas lisonjeada pelo interesse que a menina Peggy estava a demonstrar por ela.

— Bem, é melhor habituares-te a isto. Desde que os britânicos tomaram a cidade aos... rebeldes — Peggy mal conseguia esconder o desprezo que havia na sua voz ao tropeçar naquela palavra —, o cabelo tem de ser mais alto e os corpetes mais apertados. E os *vestidos!* Antes de eles cá chegarem, era tudo feito em casa. Mas, agora, as lojas voltaram a abrir e temos sedas novas, laços, rendas. — Ela pintou uma linha nas pálpebras com carvão, enquanto Clara enrolava madeixas do seu cabelo louro ao redor de um ferro, libertando-os para formarem caracóis flutuantes.

Clara considerou a questão, hesitantemente. Parecia que a sua patroa apreciava a companhia dos soldados britânicos. Quanto a Clara, ainda nutria uma lealdade secreta à causa rebelde. Como poderia ela admiti-lo perante a sua patroa? Não podia, pelo menos se tivesse esperanças de se manter nas boas graças da menina Peggy.

— Tem sido tudo *tão* mais divertido desde que os britânicos cá chegaram! Acho que me diverti mais em seis meses do que a maior parte das raparigas numa vida inteira. — Peggy suspirou, olhando fixamente para um par de silhuetas recortadas em papel e encostadas ao espelho. A senhora parecia exatamente Peggy de perfil, desenhada até à gola de um vestido ornamentado, com o seu cabelo *à la française*. O homem usava um uniforme britânico e um tricórnio, e as suas feições eram elegantes, até mesmo ligeiramente delicadas. As silhuetas estavam arrumadas de modo a que as duas figuras parecessem presas ao olhar uma da outra, imutáveis.

— Esta é você, minha senhora? — perguntou Clara, estudando as silhuetas de papel recortado.

— Oh, sim. Sou eu e o Johnny. — O dedo indicador de Peggy dirigiu-se ao papel e, carinhosamente, tocou a suposta bochecha do cavalheiro. — Foi ele que fez isto para mim: jurou-me que sou a única para quem fez uma silhueta.

Clara deixou que esse comentário pairasse no ar, sem resposta, enquanto continuava a pentear, diligentemente, o cabelo da menina Peggy. Quando o seu *pouf* estava suficientemente alto e as suas bochechas suficientemente enrubescidas, Peggy pulverizou o cabelo com a bomba de pó, para infundir uma muito ténue sugestão de branco nas suas madeixas. Esfregou os pulsos, o pescoço e o peito com um perfume floral, e ficou a admirar-se a si própria defronte do espelho de corpo inteiro.

— Bem. — Deu uma voltinha, com a saia do vestido e o cheiro do perfume a espriaiarem-se à sua volta. — Que tal pareço, Clara?

Clara nunca tinha visto ninguém como ela.

— Não imagino que possa haver um só cavalheiro em toda a cidade de Filadélfia que não queira estar a seu lado, menina Peggy.

— Tenho a certeza de que a Meg Chew vai estar igualmente bem vestida — retorquiu Peggy, com as suas feições a ficarem amarguradas por um momento. — Mas o Johnny disse-me que está ansioso por me ver *a mim* esta noite, e não à Meg Chew.

Clara, sem saber que outra coisa responder, acenou com a cabeça.

— Claro que está. — Ao olhar, uma vez mais, para o espelho, para admirar a sua patroa, Clara deu de caras com o seu próprio reflexo, e não pôde deixar de sentir novo embaraço pela sua figura simples e caseira.

* * *

A cozinha da residência dos Shippens era uma colmeia de azáfama — cheia de criados atribulados, aromas fragrantés, e pratos de serviço a passarem de mão em mão. Clara olhava com espanto à medida que a comida saía do braseiro e, de algum modo, se conjugava em apresentações irresistíveis sobre as travessas de porcelana. No centro da cozinha, à volta de uma mesa de madeira comprida, encontravam-se vários criados, a tratarem de diversos ingredientes, fazendo com eles pratos muito organizados e com ar saboroso.

— Clara, cá estás tu! Como é que correu com as meninas Shippen?
— A senhora Quigley olhava-a a partir do local onde se encontrava

a ordenar um serviço de copos de vinho de prata. — Pareces perdida, rapariga; anda cá e diz-me como correu.

— Espero que tenha corrido bem. Penteei o cabelo à menina Peggy e ajudei-a a vestir-se. — Clara olhava em redor, ainda distraída pela cozinha maior e mais barulhenta que alguma vez vira.

— E a menina Betsy? Também a conheceste?

— Não, 'nha senhora — respondeu Clara, sentindo-se culpada, como se tivesse sido culpa sua. Contou à governanta acerca da troca de palavras entre as irmãs Shippen e das ordens para se esconder atrás do guarda-fatos.

— Ela é mesmo assim. — Os ombros da senhora Quigley encolheram-se enquanto a escutava. — Bem, a culpa não é tua, Clara. E, por falar em guarda-fatos — a senhora Quigley pousou o último copo e pegou num decantador de vinho —, falei com o senhor Quigley e concordámos em que vais ter de abrilhantar um pouco o teu guarda-roupa, agora que és uma aia na residência dos Shippens. — A governanta voltou a olhar reprovadamente para as vestimentas de Clara. — Devemos ser capazes de te ajudar.

— Obrigada, 'nha senhora. — Clara não pôde deixar de sorrir: não se lembrava da última vez que tivera roupas novas.

— Não é nada, filha. Agora, não fiques aí parada sem fazer nada. — A governanta levou Clara pelo braço e conduziu-a através das duas divisões que confinavam com a cozinha. — A copa é ali atrás.

— A... quê, senhora Quigley?

— Estou sempre a esquecer-me de que acabas de chegar de uma quinta. — A senhora Quigley suspirou. — A copa. É onde os pratos são esfregados, lavados e secados depois das refeições. Vais ajudar nisso. E aqui — a governanta passou rapidamente para a pequena divisão ao lado — fica a despensa. O armazém?

Clara assentiu. Isso sabia o que era.

— Quem é esta? — Uma mulher de meia-idade, de ancas largas, com feições fortes e uma pronúncia que Clara imediatamente identificou como sendo alemã apareceu de detrás de um recanto da despensa, com os braços grossos a embalarem um caixote de pêssegos.

— Olá, Hannah — disse a senhora Quigley. — Apresento-te a nova aia das meninas Shippen, Clara.

— Ah. — Hannah mudou a sua carga para a anca e limpou as mãos ao avental sujo, estendendo uma delas para dar um passou-bem.

— O meu nome é Hannah Breunig. Cozinheira dos Shippens. — Apresentou-se com a mesma dicção entrecortada da vovó.

— Clara Bell — respondeu Clara educadamente. — É um prazer conhecê-la, senhora Breunig.

— Chama-me Hannah. Mas lamento dizer-te que, neste momento, acho que nada é um prazer, não enquanto esta sobremesa ainda precisar de ser confeccionada. Mas limita-te a sair-me da frente e não teremos problemas. — Hannah voltou para a cozinha e tanto Clara como a senhora Quigley a seguiram.

— Ah, portanto esta é que é a moça que precisa de um guarda-roupa novo? — Clara virou-se e viu um homem de cabelos finos da mesma tonalidade cinzenta que os da senhora Quigley.

— Oh, que bom que estás aqui, Arthur. — A senhora Quigley acenou com a cabeça ao homem, que vestia uma camisa formal, de colarinhos brancos, com um casaco negro feito por medida, corsários e sapatos de fivela. O seu cabelo fino estava impecavelmente penteado para trás. Clara apercebeu-se de que os criados, na cozinha, tinham interrompido as suas azáfamas para lhe fazerem vénias quando ele passava por eles. — Olá, Clara Bell. O meu nome é Arthur Quigley. A minha principal coroa de glória advém de me ter casado com a senhora Quigley. O meu segundo título é o de mordomo e escudeiro do juiz Shippen.

— Senhor Quigley, é um prazer. — Clara fez uma vénia.

— Arthur, acabei de dizer à Clara que tomámos providências para ajudá-la com as... deficiências... do seu guarda-roupa. — A senhora Quigley dirigia-se formalmente ao seu marido, embora Clara reparasse no modo como os seus olhos austeros se tinham amaciado.

— Teremos todo o gosto em ajudar. — O senhor Quigley acenou com a cabeça. — Sabes cozinhar, Clara? Numa situação de emergência?

— Não, senhor. Lamento dizer que não valho muito no que toca à cozinha — respondeu Clara.

A senhora Quigley inclinou-se sobre a mesa e entregou ao marido um tabuleiro com cálices de vinho impecavelmente dispostos.

— Seria de pensar que, com uma avó como a tua, teria sido a primeira coisa a aprenderes.

— Muito pelo contrário, temo eu — respondeu Clara. — A vovó cozinhou sempre tudo, nunca queria que pessoa alguma lhe fosse

arruinar a comida. Aprendi todos os labores femininos. Pentear, costurar e remendar.

— Bem, a menina Peggy certamente que te vai fazer trabalhar dia e noite em todas essas tarefas — respondeu o senhor Quigley, pegando no decantador de vinho que a mulher lhe entregava. — E também já conheceste a menina Betsy?

A senhora Quigley interveio, respondendo por Clara.

— Parece que a menina Peggy requisitou a Clara só para si esta tarde. — Os olhos da governanta completaram a mensagem e o senhor Quigley acenou com a cabeça.

— Estou a ver. — Voltou a virar-se para Clara. — É melhor não te envolveres em quaisquer disputas territoriais, Clara. Já temos homens suficientes a lutarem uma batalha territorial em todo este continente, sem começarmos outra guerra na residência dos Shippens. Limita-te a manter a cabeça baixa e a fazer o que te mandam, e, se as coisas se descontrolarem demasiado, vens falar com a senhora Quigley ou comigo. Compreendido?

— Compreendido, senhor. — Clara assentiu.

— Vais conhecer a menina Betsy ao jantar. — O senhor Quigley ajeitou o colarinho da camisa, como se para tornar os seus vincos hirtos ainda mais rígidos.

— Quem é esta? Há aqui uma cara que eu não reconheço.

Clara virou-se na direção da nova voz, na cozinha apinhada, e deu por si a olhar fixamente para um rosto largo e sorridente. Tal como ela, aquele homem era mais novo do que os outros criados que estavam na cozinha, com um cabelo castanho-claro e olhos cor de avelã. Parecia-lhe familiar. Sim, em virtude dos seus corsários de lã castanha e da camisa de linho largueirona, Clara sabia que se tratava do moço de estrebaria que tocava guitarra e que ela vira no exterior dos estábulos.

— Creio que já a vi — antecipou-se o rapaz, sorrindo-lhe. — O meu nome é Little, Caleb Little.

— Prazer em conhecê-lo. — Clara fez uma vénia, baixando os olhos.

— Vi-a a olhar pela janela — continuou ele. Ela sentiu as bochechas a ficarem mais quentes. — E você, como se chama? — Ele levantou as sobrancelhas.

— Oh, claro, chamo-me Clara Bell. A nova dama de companhia das meninas Shippen.

— Ah, Clara Bell, tem uma posição invejável — respondeu Caleb, patenteando um sorriso contorcido. — Eu sou o moço de estrebaria.

— E o lacaio, não te esqueças, portanto lava as mãos e prepara-te para servir o jantar, Caleb — disse a senhora Quigley, interrompendo-os.

— É isso mesmo, agora também sou o lacaio. — Caleb Little arregaçou as mangas e atravessou a cozinha rumo ao lavatório. — Tenho duas funções, desde que eles despediram todos os demais criados. — A pronúncia de Caleb era mais rude, mais americana, do que as dos condignos Quigleys ou da cozinheira alemã.

— E já tens sorte em ter emprego, pelo que o melhor é eu não ouvir queixas. — A senhora Quigley ergueu um dedo.

— Claro que não, 'nha senhora — respondeu Caleb, inclinando-se para lavar as mãos e molhar a cara. Os olhos de Clara demoraram-se nele enquanto Caleb esfregava a parte de trás do seu pescoço bronzeado com um pano molhado.

— Hoje à noite, vais andar com o Caleb, Clara — explicou a senhora Quigley. — Observa como ele serve e, de vez em quando, substituí-lo-ás.

Clara desviou os olhos de Caleb, virando-se para o mordomo.

— Eu nunca servi o jantar a uma família como os Shippens.

— Não é difícil, menina Bell. — Caleb piscou um olho ao voltar a virar-se para a encarar, limpando a cara molhada com uma toalha. — Desde que mantenha o copo de vinho da menina Peggy cheio, não deve ter nada com que se preocupar.

— É difícil, *sim*, e ela *deve* preocupar-se — lançou a senhora Quigley a Caleb. — E, a ti, também não te fazia mal preocupares-te um bocadinho mais. Agora, começa a levar estes pratos para a mesa.

— Desculpe, tiazinha. — Caleb assentiu com a cabeça, respeitosamente, na direção da senhora Quigley, antes de exibir um sorriso maroto a Clara. Posto isso, a governanta entregou ao sobrinho a bandeja de copos de vinho e empurrou-o porta fora, ordenando a Clara que seguisse atrás dele.

* * *

— O jantar está pronto a ser servido — anunciou o senhor Quigley à cozinha. A sua voz pôs em marcha uma nova ronda de azáfama entre o pessoal.

— A família está sentada: vamos, vamos! — A senhora Quigley mantinha Clara e Caleb a correrem da cozinha para a sala de jantar e da sala de jantar para a cozinha, transportando bandejas atrás de bandejas de comida quente. Para começar, Hannah dera aos Shippens bandejas de carne e peixe: aves de caça miniaturais, uma tarte de coelho e esturção fresco. A acompanhar as carnes, havia taças cheias de batatas com rosmaninho, cenouras do jardim, rebentos de feto ao vapor, espinafres e beterrabas assadas.

— A minha tia age como se estivéssemos a servir a família real, mas, na realidade, só temos de nos certificar de que não entornamos nada e de que não tropeçamos. Desde que consigamos fazer isso, eles nem sequer reparam que estamos na sala. Só estão a olhar para a comida e para as roupas uns dos outros — murmurou Caleb para Clara no umbral da porta da sala de jantar, mas Clara não estava a ouvir o lacaio a seu lado. Os seus olhos estavam a deliciar-se com a cena à sua frente, um quadro diferente dos jantares de família que ela conhecera em casa dos Hartleys. Os Shippens estavam sentados ao redor de uma mesa de nogueira, com cadeiras abundantemente talhadas, patenteando o charme ornamental que estava, de novo, na moda na Europa. A mesa estava coberta por uma toalha de damasco, cada centímetro da qual era enfeitado por pratas polidas e travessas de porcelana decoradas com padrões florais. — Está pronta? — Caleb parou a seu lado, sobrecarregado pelas travessas de carne que carregava.

— Caleb, não sou capaz. Deixe-me observá-lo desta primeira vez — suplicou Clara, pousando a sua taça de batatas sobre a mesa de apoio do corredor. — Vou deixar cair qualquer coisa, ou fazer algo incorretamente, sei que vou.

— O que foi, Clara Bell? 'Tá com medo de meia dúzia de Shippens, só por causa de eles usarem roupas chiques e bombearem pó de arroz no cabelo? — Caleb sorriu, com os seus olhos cor de avelã a acenderem-se com a zombaria.

— Primeiro, deixe-me vê-lo a fazê-lo. Por favor? — suplicou Clara.

— Tudo bem, só esta vez, depois ajuda-me a servir. — Caleb piscou o olho. — Cá vou eu. — Endireitou as costas, pondo de lado a afabilidade informal que demonstrara apenas alguns momentos antes nos alojamentos dos criados, e entrou na sala de jantar com uma postura inesperada e imponente. Clara espreitava do corredor que dava para a sala de jantar, vendo a família a partir de um canto escondido onde eles

não suspeitavam da sua presença. Avistou primeiro a sua patroa, no local mais iluminado da sala escura, forrada a painéis de madeira. A luz das velas dançava divertidamente sobre as suas feições, e a visão de Peggy Shippen voltou a deixar Clara nervosa. Continuou a olhar fixamente, admirando as feições gentis de Peggy, o seu cabelo elevado, o traje perfeito.

Caleb distribuía as travessas de carne uniformemente ao longo da mesa e Clara observava, estudando os seus movimentos graciosos, a maneira como ele servia os membros da família sem se lhes atravessar no caminho enquanto eles bebericavam os seus vinhos. O juiz Shippen foi saudado reverencialmente por cada membro da família ao assumir o seu lugar à cabeceira da mesa e liderou o grupo numa breve oração de agradecimento.

Ao lado do juiz, estava sentado um homem com grandes parencas a ele e um corpo mais pesado.

— É o Dr. William Shippen. — Caleb estava de novo ao lado de Clara, sussurrando-lhe ao ouvido enquanto observavam a família. — O Dr. William é primo do juiz.

Em muitos aspetos, o juiz Edward era igual ao seu primo, o Dr. William, mas numa versão aparentemente deflacionada: como se tivesse menos carne sobre os ossos e um espírito mais fatigado a brilhar-lhe através dos olhos.

— O Dr. William, ao contrário do primo, é conhecido por apoiar as colónias — explicou Caleb.

Clara assentiu. Aquela era uma coscuvilhice bastante conhecida.

— Mas a menina Peggy parece ter tendências abertamente lealistas — sussurrou Clara, voltando a pensar na conversa que tivera anteriormente com a sua nova patroa.

Caleb considerou a questão, com as suas feições a contraírem-se, formando um sorriso descuidado e descentrado.

— Bem, quantos homens independentistas é que se veem em Filadélfia, usando fatos comprados em lojas e prontos a servirem-lhe champanhe e caviar? — Ele afastou-se para ir colocar um prato de esturjão na mesa.

Em frente ao Dr. William, ocupando o meio da mesa, encontravam-se as jovens Shippens, Peggy e a outra moça, que Clara sabia ser Betsy. Era uma versão menos impactante da sua irmã mais nova. Tal como Peggy, vestia-se *à la française*, usando um vestido de seda cor de lavanda clara, com uma faixa amarela. Tinha o cabelo apanhado num carrapito

baixo que parecia simples se comparado com o *pouf* elaborado de Peggy. Os seus olhos eram do mesmo azul que os da irmã, mas menos atentos, e Clara, ao observar as suas linguagens corporais, determinou que Betsy recebia as suas deixas da irmã, como se Peggy fosse a mais velha das duas.

No extremo da mesa oposto àquele em que se sentava o juiz, encontrava-se a senhora da casa, vestida num estilo mais simples do que o das duas filhas.

— Aquela é a senhora Margaret Shippen — disse Caleb, ao regressar da mesa —, a mulher do juiz. — Usava um vestido simples, de seda cor de ameixa, sem ornamentações, e tinha o pescoço tapado por um cachecol de linho branco que parecia ainda mais modesto ao lado dos peitos descobertos das filhas. A senhora Shippen tinha cabelo grisalho e não usava nada na cara, exceto uma expressão tensa, mas ouvia com atenção quando o seu marido falava.

— Os franceses são capazes de andar a clamar pela sua entrada na guerra, ao lado das colónias. — O juiz tomou um gole de vinho, lento e deliberado, com os seus dedos esguios a pegarem firmemente na taça de prata. — Mas digo-vos que não entrarão. Não se podem dar ao luxo de outra guerra.

— Primo. — A voz do Dr. William ressoava em comparação com o tom de voz dócil do juiz. — A tua natureza, bondosa e tímida, assume, creio que incorretamente, que os monárquicos tomam as suas decisões com base na determinação do que está certo e é prudente, e não do que é benéfico para o seu império. Uma oportunidade de retirar a ameaça britânica deste continente e garantir o seu domínio sobre o Canadá? Claro que Luís XVI se vai juntar à guerra. Os franceses tornaram-no claro depois da vitória independentista em Saratoga. — O Dr. William fez uma pausa. — Edward, é suposto eu comer esta carne sem acompanhamento?

Caleb pegou na taça de batatas que Clara ainda não entregara, colocando-a nas suas mãos.

— É a sua vez, Clara Bell, eles estão a pedir batatas.

Clara hesitou.

— Tenho de ir lá dentro?

— Viveu no campo, repleto de iroqueses, e tem medo de servir umas batatas? — picou-a Caleb. — Siga-me. — Caleb pegou numa taça de molho de mirtilos e precedeu-a ao entrarem na sala.

Os olhos do juiz e da senhora Shippen viraram-se para Clara e esta congelou perto do umbral da porta da sala de jantar. O silêncio encheu a divisão. O único ruído foi um estalido da lareira, onde um tronco caíra. Como o juiz não falou primeiro, o Dr. William dirigiu-se a Clara.

— Essas batatas são para nós ou não? — perguntou ele, com um sorriso bem-intencionado a iluminar-lhe as feições avermelhadas.

— Quem é esta? É ela? — Betsy virou-se para a irmã, referindo-se à cara desconhecida.

— Oh — disse Peggy. — Toda a gente, esta é a nova aia, a Clara.

— És a rapariga que a senhora Quigley mandou vir? — perguntou o juiz Shippen.

— Sou sim, senhor, excelência, juiz — respondeu Clara.

— Bastará qualquer um desses três títulos, mas não todos os três ao mesmo tempo. — O juiz riu-se.

— Prazer em conhecer-te, Clara — respondeu o Dr. William. — Agora, traz cá essas batatas. Dá-se o caso de eu estar esfaimado.

— Sim, senhor. — Clara obedeceu, depositando as batatas frente ao Dr. William.

— A Clara ajudou-me a vestir para o jantar. — Peggy bebericou o seu vinho, virando-se para a irmã.

A colher de Betsy tombou-lhe no prato.

— Ai sim? Mas tu prometeste que... — Vendo o sorriso trocista da irmã mais nova, Betsy não terminou a frase, mas cruzou os braços frente ao corpo.

— Acalma-te, Betsy. Mandei-a pentear-me o cabelo para a *soirée* de Lorde Rawdon, esta noite. Tu dificilmente precisavas de ajuda para conseguires um penteado como o que apresentas.

Face a este segundo insulto, o beicinho de Betsy ameaçou descambar em verdadeiras lágrimas.

— Bem, porque é que ela não me ajudou? — Betsy virou-se da irmã para o pai. — O papá disse à Peggy que deveríamos partilhar a nova rapariga, mas a Peggy guardou-a só para si.

— Mas, papá, a Betsy não precisa de uma aia, ela já tem noivo. Não vejo por que motivo é que ela precisa de ajuda para preparar-se para as festas, quando tudo o que faz é sentar-se a um canto e amuar por o Neddy não ter sido convidado.

— Meninas, se vão discutir, não haverá, de todo, uma nova aia. — As feições da senhora Shippen estavam tensas e Clara reparou que ela

mal tocara na comida. Pela sua parte, Clara desejava acabar de servir as batatas e desaparecer daquela sala.

— Mamã, não estou a discutir. Só não acho que seja justo a Peggy ter sempre...

— Basta, Elizabeth — lançou a senhora Shippen à filha mais velha, esfregando as têmporas num gesto lento e ritmado. — Tenho uma dor de cabeça. Esta noite, não aguento outra briga.

— Tem sempre dores de cabeça — murmurou Peggy para si própria, bebericando o seu vinho.

Betsy, que perdera a partida para a irmã, mudou de estratégia.

— Muito bem. Então, esta noite, não vou contigo a casa de Lorde Rawdon, Peggy. — Betsy descruzou os braços e tirou uma vigorosa garfada da taça de batatas oferecida por Clara. Clara apoiou-se, lutando por manter o recipiente equilibrado.

— Não me importa. — Peggy encolheu os ombros e inclinou-se para tirar um pouco do mesmo recipiente.

— Mas, assim, também não podes ir. — Betsy deu um puxão à taça de batatas, de modo que Clara foi puxada na direção da irmã mais velha.

— E porquê? — Peggy olhava fixamente para a irmã, desafiando-a.

— Porque não tens autorização para sair sozinha, lembras-te? Mamã? Papá? Lembram-se de ter dito à Peggy que ela chega a casa demasiado tarde e gasta demasiado dinheiro e que já não tem autorização para sair sozinha?

— De facto, concordámos nisso, Edward. — A senhora Shippen lançou um olhar cansado ao marido, já fatigada pela discussão que se aproximava.

— Que disparate! — Peggy inclinou a cabeça. — Todas as raparigas saem sozinhas. Não veem a Meg Chew nem a Becky Redman com um pau de cabeleira. Papá, não dê ouvidos a esta desmancha-prazeres.

— Mas nem todas as raparigas se deixam tornar objeto de ridicularização, Margaret. — A senhora Shippen virou uma expressão mal-humorada para a filha. — Já concordámos acerca disso. Se a tua irmã não te acompanhar, não vais.

— Ridicularização? Em que medida é que eu fui objeto de ridicularização? — Os olhos de Peggy entraram em combustão ao virar-se da irmã para a mãe.

— Bem, para começar, na outra noite, perdeste todo o dinheiro que tinhas na carteira às cartas. — Agora, Betsy parecia estar na mó de

cima, e Clara reparou numa preocupação genuína nos olhos de Peggy; os seus planos para a noite podiam ter sido, de facto, desmantelados.

— Quando a nossa carteira não contém mais do que um xelim, tal não é um feito difícil — disse Peggy.

— Todo o dinheiro que se joga é dinheiro desperdiçado — retorquiu a senhora Shippen.

Peggy virou uns olhos furiosos para o pai e, quando este inclinou a cabeça, ela viu que, de facto, poderia ser mantida em casa.

— Papá, isto é injusto. Tem de me deixar ir. A Betsy está só a ser mesquinha. Há tanto tempo que ando a planear isto. Por favor, diga-me que posso ir.

— Na verdade, nós dissemos-te, minha querida Peggy, que, a partir de agora, precisarias de companhia. — O juiz evitava os olhos da filha, dando atenção ao seu prato.

Peggy passou o olhar do pai para a mãe, com os lábios franzidos ao ver as suas hipóteses a diminuírem. Evitava a irmã, que sorria maliciosamente a seu lado. Então, olhando para cima, para a sua nova aia, Peggy denotou um rasgo de inspiração.

— Muito bem. Levarei a Clara comigo.

A senhora Shippen respondeu rapidamente.

— Não sabemos nada acerca da Clara. — Olhando para cima, para Clara, a senhora Shippen falou calmamente, quase inaudivelmente. — Peço desculpa, Clara, tenho a certeza de que és uma moça de carácter impecável, mas ganhar confiança em alguém é uma coisa que leva tempo.

Clara assentiu com a cabeça, perguntando-se se já não queriam mais batatas, para que se pudesse retirar para a outra divisão.

— Quando a Clara aqui estiver há vários meses e a senhora Quigley responder pelo seu carácter, então, talvez ela se possa tornar tua acompanhante — terminou a senhora Shippen.

— A senhora Quigley! — Peggy repetiu o nome. — A senhora Quigley também. Mande-as às duas. Mande todo o alojamento dos criados, que tanto me faz. Papá, então e se a senhora Quigley e a Clara me acompanharem?

O juiz Shippen estava a deliberar e a sua mulher observava-o com uma expressão tensa. O juiz Shippen lançou um olhar ao primo, como que a felicitá-lo por não ter filhas.

— Meu querido e doce papá, por favor, não me faça sofrer. Por favor, diga-me que posso ir.

— Muito bem, Peggy, minha querida. — A postura do juiz vergou-se ao concordar. — Leva a senhora Quigley e esta nova rapariga. E, por favor, tenta não gastar dinheiro a jogar às cartas.

— Por si, farei tudo, papá. — Peggy levantou-se da cadeira e voou para o seu pai, que cobriu de beijos entusiásticos. Sorrindo para Clara, Peggy abanou a cabeça.

— De quem é essa *soirée*? — perguntou o juiz Shippen.

— De Lorde Rawdon. É em casa dele — respondeu Peggy ao pai enquanto Clara se escapulia da sala, determinando que as batatas já não interessavam à família.

— Está a ver? Sobreviveu. — Caleb congratulou Clara junto à mesa de apoio. — Embora a sua presença tenha, de facto, provocado uma grande agitação.

Clara suspirou, temendo que o juiz se viesse a arrepender de tê-la trazido para a sua residência.

— E consegui obter um convite para uma *soirée* hoje à noite. — Caleb sorriu maliciosamente.

— Mais ou menos. — Clara estremeceu. A ideia de uma tal festa enchia Clara de temor: uma casa cheia de moças iguaizinhas a Peggy e, ainda por cima, de oficiais ingleses!

— Vá lá, não fique tão mal-humorada, Clara Bell. Terá a senhora Quigley consigo. E eu irei lá levá-las na carruagem. — Por alguma razão, que Clara não conseguia explicar, as palavras de Caleb e a sua presença serviram para lhe acalmar os nervos.

Ela sorriu, aliviada por estar com ele, e longe dos Shippens, naquele corredor sossegado.

— Pareço ter despoletado uma contenda entre as irmãs.

— Não é nada de novo. — Caleb encolheu os ombros. — A senhora Shippen queixa-se de dores de cabeça todos os dias, mas como é que ela podia não ter dores de cabeça sempre a ouvir aquela zoada? Agora, temos de servir estas tartes de carne. Que tal ajudar-me?

Quando reentraram na sala de jantar, a conversa da família tinha mudado de novo, das suas próprias batalhas, para a guerra entre as colónias e os britânicos. Clara andava em bicos de pés atrás de Caleb, que oferecia uma tarte de carne ao juiz Shippen.

— Porque é que a Batalha de Saratoga fez alguma diferença? — A senhora Shippen comeu uma pequena porção de peixe, olhando para o marido. O Dr. William respondeu primeiro.

— É simples, Margaret. O Benedict Arnold, ao vencer em Saratoga, provou aos franceses que os americanos podem, de facto, ganhar esta guerra. O Arnold ofereceu a prova de que aqueles franceses relutantes necessitavam. Isto já para não falar do facto de que congregou toda a população, o que foi muito apreciado pelo nosso general George Washington.

— Mas, primo — o juiz Shippen serviu a si próprio uma fatia da tarte de carne que Clara segurava à sua frente —, eu ainda acredito que é do maior interesse das colónias renunciarem à violência e recompoem a sua relação com a pátria-mãe. Espanta-me que não concordes com isto. Por que razão havemos de cortar os nossos laços com um país que partilha a nossa religião, a nossa história, as nossas sensibilidades e, até, o nosso sangue?

Antes que o Dr. William pudesse responder à pergunta do seu primo, Peggy interveio.

— O meu pai, como todos nós, ainda tem esperanças de que o Congresso Continental venha a aceitar as medidas de paz propostas pela Coroa. — Peggy falava com confiança, chamando Clara para junto de si, para que também ela se pudesse servir de uma fatia de tarte de carne. — O rei Jorge deu provas de ser não só misericordioso como benevolente.

— Ah. — O Dr. William virou-se para Peggy, impressionado. — Portanto, tens uma inclinação para a política?

— Tenho. — Peggy inclinou a cabeça para trás e esvaziou o seu copo de vinho. — Conheço de perto um grande número de oficiais britânicos, e sigo as últimas notícias da guerra com grande interesse. Fiquei muito desapontada ao ler a respeito da vitória do Benedict Arnold em Saratoga e das subsequentes insinuações dos franceses de que se iriam alinhar com o Washington e com o resto dos rebeldes.

— Primo, a tua mais nova tem beleza e inteligência, ainda que eu não concorde com as suas opiniões políticas — disse o Dr. William, parecendo encantado com a sua jovem familiar. — Bem, queridíssima Peggy, apesar das aspirações do teu pai quanto à paz e à unidade, as quais, tenho a certeza, vêm de um coração puro, o Congresso Continental nunca se voltará a ligar ao rei Jorge de Inglaterra — respondeu William autoritariamente, inclinando-se para trás, para dar espaço à sua barriga cheia. — Eles declararam-se um povo livre, e estão dispostos a lutar até que esse sonho de liberdade seja concretizado. E, agora, creio, irão lutar com o auxílio dos franceses.

— Mas, primo. — O juiz voltou a entrar na discussão, com uma voz calma. — Espero que não expresses esses pensamentos perigosos fora destas paredes. Tal linguagem poderia trazer-te problemas.

— Os britânicos não dominarão Filadélfia por muito mais tempo. — O Dr. William encolheu os ombros, bebendo o vinho de uma só vez.

Então, Peggy respondeu.

— Acho que subestima a força da Coroa. Eu tenho, muitas vezes, a oportunidade de privar com membros do oficialato britânico, e...

— Privar, é isso que lhe chamas? — Betsy sorriu de modo afetado.

Peggy ignorou o comentário da irmã.

— E os britânicos não sentem nada essa insegurança quanto ao seu domínio sobre Filadélfia. Ou sobre as colónias, como um todo.

— Minha cara Peggy. — William comeu outra porção generosa de carne, enquanto apreciava o debate. — Os soldados britânicos mal nos tocam, sendo nós apenas um bando de voluntários desorganizados. Como é que eles nos hão de derrotar quando tivermos o porta-moedas de Versalhes a apoiar-nos?

— A França não pode dar-se ao luxo desta guerra. — Peggy pressionava-o, impressionando Clara com os seus conhecimentos sobre política e economia. — Luís XVI já tem problemas que cheguem a manter aquela sua mulher, nascida na Áustria, sob controlo. Acho que ele devia era subjugar a Maria Antonieta e batalhar contra os seus gastos extravagantes antes de se empenhar numa luta contra inimigos estrangeiros.

Clara saiu da sala e ficou mesmo para lá do umbral da porta da sala de jantar, onde podia continuar a ouvir a discussão da família. O juiz, remexendo-se na cadeira, parecia menos entusiasmado pelo assunto.

— Como foi a tua viagem recente à Virgínia, William?

— Ah, ah! Estás a tentar mudar de assunto, é, Eddy? — lançou a voz de William.

— Papá — interveio Peggy, sorrindo para o pai —, embora isto tenha sido muito interessante, dá-me licença que saia? Tenho de preparar-me para partir para casa de Lorde Rawdon. — Peggy aprestava-se a levantar-se da mesa, mas a voz severa da sua mãe deteve-a.

— Peggy, ainda não acabámos a nossa refeição. Ficas aqui e comes connosco.

Peggy virou-se da mãe para o pai.

— Por favor, papá, vou atrasar-me, e eles começam os jogos de cartas sem mim.

— Cartas? — O interesse da senhora Shippen intensificou-se subitamente. — Acabámos de dizer-te que não jogas mais às cartas. Edward, acho que isto é um erro. Acho que a Margaret devia fazer o que a irmã planeia fazer, ficar em casa hoje à noite e fazer algo que lhe alimente o espírito. — A senhora Shippen esfregou as têmporas uma vez mais, fechando os olhos.

O juiz Shippen olhou, com fadiga, para a filha e para a mulher.

Peggy fez beicinho.

— Mas já concordámos em que eu podia ir.

— Não gostavas de passar uma noite em casa, com os pais? — A senhora Shippen abriu os olhos, ainda a massajar a testa.

— Acha que me vesti assim para uma noite de leituras com os pais? — Peggy riu-se. — Papá, já me prometeu que eu podia ir. — Virou o olhar na direção do pai, com a sua expressão a tornar-se tensa.

— Peggy, minha querida, não me tinha apercebido de que havia novamente jogos de cartas...

— Papá! — Peggy abriu muito os olhos, interrompendo o pai. — Eu abster-me-ei de jogar à cartas, prometo. — Peggy fez uma pausa. — E, além disso, uma noite passada a privar com os melhores e mais bem-educados oficiais do exército britânico é, certamente, uma noite passada a enriquecer a mente.

— Ai é? — Betsy riu-se à socapa, trocando um olhar significativo com a mãe.

— Bem, são, de certeza, muito mais interessantes do que o teu velho e aborrecido senhor Burd — rosou Peggy para a irmã, virando-se.

— Está bem, está bem, já chega dessa briga. Peggy, podes ir a casa de Lorde Rawdon — aquiesceu o pai. — Mas só depois de termos acabado de jantar. A tua mãe mandou fazer uma tarte de pêssegos para a sobremesa.

— Mas, Edward... — A senhora Shippen apertou o maxilar.

— Margaret, por favor. — O juiz ergueu a mão, silenciando a mulher. — E, Peggy, por favor não fiques até muito tarde. Quero-te em casa à meia-noite. — O juiz Shippen olhou para a filha com muito carinho, enquanto a senhora Shippen suspirava com frustração, deixando

cair os talheres de prata sobre o prato. Peggy lançou um sorriso afetado na direção da mãe.

— Está pronta, menina Bell? — Caleb estava ao lado de Clara, afastando-a da sua observação daquele drama familiar.

— Por favor, pode parar de me chamar «menina»? Está cá há mais tempo do que eu. Por favor, chame-me Clara.

— Só se concordar em chamar-me Cal.

— Está certo, está certo — assentiu Clara.

— Bem, parabéns, Clara Bell. Sobreviveu ao seu primeiro jantar dos Shippens. Só falta a sobremesa. — Caleb colocou a tarte de pêssegos nas mãos dela e sorriu-lhe quando ela entrou, uma vez mais, na sala de jantar.

Depois do jantar, o juiz e o Dr. William retiraram-se para o escritório ao passo que Peggy pediu licença para se ir embora. Clara permaneceu na sala de jantar, para levantar a mesa. A mulher mais velha que vira antes, na escadaria, apareceu não se sabia de onde.

— Caleb, é a Brigitte, certo?

— Chame-me Cal.

— Desculpe, Cal. É a Brigitte? — perguntou Clara.

— Oh, sim. A Brigitte é irmã da Hannah. Não fala muito, exceto com a Hannah. Limpa os pratos, abre as camas, esvazia os bispotes. Todo o tipo de trabalhos que lhe permitem evitar falar com quem quer que seja. Mas é melhor ir ter com a menina Peggy: provavelmente, ela está com pressa de ir para a tal *soirée*. Especialmente, se o André lá estiver.

— Quem é o André? — Clara recordou-se da silhueta recortada que Peggy prendera ao seu espelho, do rosto do elegante oficial britânico. — A menina Peggy mencionou uma pessoa chamada «Johnny».

— É o mesmíssimo. John André é o homem que está prestes a dificultar-lhe muito a vida.

* * *

— Quão previsível a Betsy ter abdicado desta *soirée*, quando o próprio general Howe vai lá estar. Será que ela não sabe que, onde quer que o general vá, os melhores oficiais não deixam de ir atrás dele? — Peggy encontrava-se defronte de Clara, ajustando as suas luvas enquanto a carruagem parava frente a ela. — Mas, no fim de contas, ela tem tanta aversão ao divertimento quanto a mãe.

— Boa noite, menina Peggy. — Caleb pulou do seu poleiro e, com um gesto fluido, abriu a porta da carruagem e esticou a mão na direção da menina Peggy.

Peggy deixou que os seus olhos se virassem para o lado, na direção da sua aia.

— Pelo menos tenho-te aqui comigo, para me ajudares a... o que era... *comportar-me?*

Peggy exibiu o seu espantoso sorriso — aquele ar que parecia doce e, no entanto, tinha o efeito de deixar Clara mais nervosa — antes de pegar na mão aberta de Cal e guindar-se a si e à sua saia comprida para lá da porta da carruagem.

Clara entrou na carruagem atrás da sua patroa, recebendo um sorriso zombeteiro de Cal ao fazê-lo. A senhora Quigley foi a última a entrar, queixando-se de que não se podia dar ao luxo de tirar uma noite de folga para assistir a uma *soirée*, não quando havia pratas para polir, porcelanas para esfregar, toalhas para passar a ferro e separar. Mas, apercebeu-se Clara, a velha senhora tinha posto um vestido lavado, a estrear, de um calicó verde e púrpura, e tinha apanhado o cabelo atrás, muito apertado, o que lhe dava uma aparência mais formal do que antes, durante o dia, apresentara.

A carruagem levou-as para oeste, passando pelo alvoroço da Rua do Mercado, mesmo quando os proprietários das lojas estavam a tapar as montras e a desejar as boas-noites uns aos outros. À medida que se derramavam os últimos raios de luz do dia, a carruagem dos Shippens avançava por uma estrada cada vez mais rural, rumo ao rio Schuylkill.

— Vamos arranjar-te roupas novas, Clara. — A senhora Quigley pousou as mãos no colo, torcendo um lenço e dando-lhe nós apertados. — Não é aceitável tu ires assistir a uma *soirée* na casa de Lorde Rawdon com o aspeto de uma trabalhadora agrícola.

Clara, cansada por causa do dia que tivera, tinha vontade de responder que teria ficado em casa de bom grado, que teria preferido retirar-se para o seu quarto, íntimo e sossegado, e ter uma noite de paz, mas o rosto severo da sua vovó não lhe saía da cabeça, pelo que sorriu educadamente e respondeu:

— Sim, 'nha senhora, obrigada.

À medida que Caleb incitava os cavalos a andarem cada vez mais rápido rumo ao Schuylkill, o estado de espírito de Peggy melhorava. Não olhava para a sua aia nem para a governanta, mas, em vez disso,

mantinha o olhar firmemente fixado para fora da janela, fitando o rio raiado pelo sol, que parecia estar envolto em chamas, e a noite que caía e na qual ela mal podia esperar por ser posta em liberdade.

Caleb abrandou a carruagem ao aproximarem-se da mansão, ampla e bem iluminada, empoleirada sobre uma colina acima do rio. No manto anil do crepúsculo, podia ver-se uma grande bandeira britânica pendurada na fachada da mansão. Peggy avistou o seu destino e beliscou as bochechas, fazendo aparecer uma cor rosada na sua pele amarfinaada.

— É a casa de Lorde Rawdon? — Clara arrependeu-se da pergunta no instante em que viu a expressão severa da senhora Quigley: não era suposto os criados quebrarem o silêncio. Peggy, no entanto, parecia muitíssimo contente por lhe responder.

— Os britânicos confiscaram esta casa a um rebelde destacado quando ele se viu forçado a fugir. — Peggy pegou numa madeixa solta de cabelo dourado, puxando o caracol até este ficar tenso, antes de o deixar formar, de novo, a sua espiral. — A sorte que nós tivemos. É um local perfeito para uma festa de verão.

Os cavalos puxaram a carruagem sob a *porte cochère* e foram recebidos por um séquito de lacaios com perucas. Peggy saiu da carruagem, batendo palmas, deleitada, à banda militar que se encontrava de serviço para fazer uma serenata aos convivas que chegavam.

— *Música!* — exclamou.

— Menina Shippen, seja bem-vinda. — Um homem de meia-idade, com o casaco vermelho-vivo dos oficiais britânicos, curvava-se frente a Peggy, numa vénia grave. — Está um sonho, menina Shippen, como sempre. — Clara observou o cumprimento enquanto Caleb a ajudava a sair da carruagem.

— Lorde Rawdon, isto é mágico. — Peggy inclinou a cabeça, fazendo dançar as suas madeixas de caracóis louros em torno das bochechas. Teria ela praticado aquele maneirismo perfeitamente pudico frente ao espelho do seu quarto?, perguntou-se Clara.

— Menina Shippen, espero que esta noite me dê a honra de deixar-me sentar a seu lado na mesa de jogo. — Lorde Rawdon, embora tivesse quase o dobro da idade de Peggy e fosse experimentado na guerra, parecia intimidado face àquela convidada de vestido delicado.

— Claro que sim, Lorde Rawdon. Seria para mim uma honra estar sentada ao lado do anfitrião. — Peggy sorriu, mas virou a sua atenção para a multidão de convidados que se reunia um pouco mais abaixo na

colina. — Bem, Lorde Rawdon, não desejo monopolizar o seu tempo. Um anfitrião é um bem muito procurado na sua própria festa.

— Faça favor, menina Shippen. Os outros estão reunidos debaixo da tenda do relvado. Quando os meus convidados tiverem chegado e já estivermos cá todos, irei lá ter consigo para jogarmos às cartas e bebermos champanhe.

— Obrigada, Lorde Rawdon. — Peggy só precisava dessa autorização para se ausentar. Fez mais uma vénia, perfeitamente educada, antes de erguer um pouco as saias e caminhar rapidamente ao longo do relvado.

— É melhor segui-la. — Cal orientou o olhar de Clara na direção das figuras da menina Peggy, que se afastava, e da senhora Quigley, que se esforçava por acompanhar-lhe o passo.

— Não se junta a nós? — perguntou Clara, com o olhar dividido entre a visão familiar de Cal e a vasta multidão de foliões, elegantemente vestidos, mais abaixo na colina.

— Tenho de tratar deles primeiro. — Caleb inclinou a cabeça na direção dos cavalos dos Shippens. — Boa sorte, Clara Bell. — Inclinou-se para ela e murmurou-lhe ao ouvido: — Não deixes que te fiquem com o dinheiro a jogar às cartas... estes soldados britânicos são bons a separar-nos, a nós, americanos simples, das nossas carteiras.

Clara riu-se.

— Obrigada pelo aviso, Cal.

Cal conduziu a carruagem na direção dos estábulos, para dar água aos cavalos, enquanto os olhos de Clara viajavam relvado abaixo, rumo à tenda. Um baldaquino encontrava-se montado contra o azul-aveludado de um céu de princípio de noite, e uma grade envolta em heras dava entrada aos convidados. Mesas pequenas e circulares, para grupos de seis, encontravam-se dispostas ao longo da tenda, cobertas por toalhas de damasco branco e *flûtes* de champanhe de cristal. Ao longo da tenda, arranjos de flores silvestres, recém-colhidas, brotavam de jarras, misturando o seu perfume com as fragrâncias esfregadas nos pulsos das senhoras, dando ao ar um aroma fresco a primavera. Candelabros de velas escalonadas encontravam-se pendurados sobre as cabeças, e a luz não só dançava sobre os rostos dos foliões como sobre a superfície do adjacente rio Schuylkill, que se assemelhava a vidro.

Clara trotou rumo às figuras da senhora Quigley e da menina Peggy e alcançou-as no momento exato em que elas entravam na tenda.

A senhora Quigley foi imediatamente puxada por um criado, para a tarefa de ir buscar champanhe, e Clara ficou sozinha, ao lado da sua patroa, defronte das pessoas.

— Meu Deus — suspirou Clara.

— Que foi? — Peggy inclinou a cabeça na direção da aia.

Clara, que não se tinha apercebido de que pronunciara alto os seus pensamentos, gaguejou:

— É só que isto é encantador. — Os seus olhos viajaram para o canto mais longínquo da tenda, onde um quarteto de cordas tocava uma valsa lânguida que mal se conseguia ouvir por sobre os sons dos risos, dos elogios sedutores, e da ocasional anedota indecente.

— Oh, sim, claro. — Peggy acenou com uma mão enluvada, menos interessada na decoração e na música; Clara apercebeu-se de que os olhos da sua senhora passavam de uma cara sorridente para outra, procurando um sorriso em particular.

— Olá, Peg. — Um homem, vestido com um fato de um azul-claro de ovo de pintarroxo, acenava ao atravessar a tenda na direção de Peggy.

— Joseph Stansbury. — Peggy inclinou-se e beijou o homem, que aparentava ter passado mais tempo a vestir-se do que, até, a própria Peggy. As suas bochechas eram globos bulbosos, cor de cereja, pintados com ruge, por baixo de uma peruca de caracóis apertados, fortemente empoeirada. Os seus sapatos de salto pareciam poder ter sido escolhidos do guarda-roupa de Peggy.

— Adoro como lhe fica esse tom de rosa. — Joseph estudou o vestido de Peggy com interesse, falando com uma pronúncia distintamente britânica.

— Obrigada. — Peggy rodopiou de modo divertido. — E eu gosto desse azul que traz, Stansbury.

— Sim, o azul complementá-la-ia muito bem, com esses seus olhos — concordou o homem, mexendo no queixo com os seus dedos esguios, tendo o anel que trazia no dedo médio captado o resplendor da luz das velas.

— Tenho de encomendar um vestido dessa cor. Como está a sua loja? — perguntou Peggy.

— O negócio vai bem, agora que os britânicos voltaram a mandar.

— Brindarei a isso. — Peggy sorriu.

— Recebemos hoje uns pratos novos, diretamente de Londres. Vai adorá-los. — Virou os seus olhos acutilantes para Clara. — E quem é esta?

— Oh, esta? Não é ninguém. — Peggy abanou a cabeça. — É só a minha nova dama de companhia. — Peggy abanou a mão perfunctoriamente na direção de Clara. — Sabe como os meus pais estão, subitamente, tão preocupados em proteger a minha virtude.

— Portanto, mandam esta pobre criatura para proteger a sua honra? — Stansbury estreitou o olhar sobre Clara: sobre as suas vestimentas caseiras, as suas botas poeirentas, a sua postura cansada. Clara cerrou os punhos mas mordeu os lábios, para evitar deixar escapar uma resposta mal-educada.

— Bem, uma coisa é certa: sabe-se que se é uma senhora quando se tem a nossa própria dama de companhia.

— Não fui sempre uma senhora? — gracejou Peggy.

— Bem, e ela tem nome?

— Evidentemente. Chama-se Clara. Clara, apresento-te o Joseph Stansbury, comerciante de porcelanas na Rua do Mercado. Em breve, faremos uma visita à loja dele.

— Muito gosto. — Clara fez uma vénia, tal como vira a patroa fazer, face ao comerciante de porcelanas.

— Vamos buscar champanhe? — Joseph Stansbury ofereceu um braço magro a Peggy.

— Dentro em breve. Irei ter consigo lá dentro, Stansbury.

— Está a correr comigo? — lançou o comerciante, cruzando os braços.

— Por favor, Stansbury, vá-se embora, depressa! — Peggy acenou para que o homem partisse e virou-se para uma figura que vestia uma casaca vermelha e que se dirigia na sua direção.

— Menina Shippen. — O oficial, de cabelo escuro, aproximou-se dando vários passos suaves, com a espada que trazia à cintura a balouçar para trás e para a frente, à medida que os saltos dos seus sapatos pisavam confiantemente o chão.

Aquele homem, apercebeu-se Clara, era John André. Conseguia ver a semelhança com a silhueta de papel recortado que havia no quarto, mas era mais cativante ao vivo. O corpo do major André era alto e magro, adornado por um rígido casaco vermelho e corsários rentes às pernas, com as botas de pele brilhantes dos oficiais britânicos. Usava o seu cabelo escuro puxado para trás, com uma fita não muito apertada à altura da nuca.

— Major André — respondeu Peggy, com a voz subitamente sumida.

— Está deslumbrante, como sempre, minha querida. — André pegou na mão de Peggy e deu-lhe um beijo suave. Estava agora suficientemente perto para que Clara detetasse o leve e doce odor a champanhe do seu hálito. Por estar ao lado da patroa, Clara sentiu a intensidade ardente da mirada dos seus olhos castanhos.

— Major André, eu... — disse Peggy, sem retirar a mão dos lábios.

— Que formalidade é esta, *ma chérie*? Sabe bem que prefiro que me chame «Johnny».

— Johnny...

Peggy permitiu que ambas as suas mãos fossem abarcadas pelas de André, parecendo a sua pele ainda mais branca contra o tom escuro, azeitonado, da dele.

— Johnny. — Peggy aproximou, um pouco, o seu corpo do dele, pelo que passou a olhar-lhe o rosto de baixo para cima. — Trouxe o vestido cor-de-rosa. É o seu favorito, certo?

Com as suas mãos nas dele, Johnny abriu-lhe muito os braços, para poder observar-lhe, sem pruridos, a figura. Clara estremeceu em virtude de quão despida e vulnerável parecia, subitamente, a sua patroa: com os ombros e a clavícula expostos, a sua cintura minúscula, e a ampla saia em cascata.

— *Magnifique*. — André piscou o olho a Peggy e a sua aprovação foi recebida com vários movimentos das pestanas desta. — Embora deva dizer que, qualquer que seja o vestido que use, torna-se imediatamente o meu favorito.

Peggy anuiu, corando envergonhadamente, e Clara apercebeu-se de que aquela era a primeira vez, desde que conhecera Peggy, em que a sua patroa tinha muito pouco a dizer.

— Vamos? — O major André entrelaçou o seu braço no de Peggy e disse: — *Entrons-nous*?

Deixando Clara ao pé da entrada da tenda, Peggy foi conduzida para baixo do candelabro cintilante e mais para o interior da tenda.

— Oh, Johnny, estou tão contente por Lorde Rawdon ter conseguido um quarteto de cordas para hoje à noite. As vossas bandas militares, com os vossos tambores e os vossos flautins, é tudo muito bom para as vossas marchas e batalhas, mas, para jogar às cartas e beber champanhe, quero mesmo é violinos. — A voz de Peggy era como mel quente ao inclinar a cabeça para o lado, olhando para cima, para o seu acompanhante, e deslizando para mais longe de Clara.

— Aquela rapariga. — A senhora Quigley regressara para ao lado de Clara e sussurrava, quase inaudivelmente, com uma óbvia desaprovação.

— Já voltou. — O corpo de Clara relaxou, aliviado, ao avistar a velha senhora.

— Temo que não por muito tempo. Parece que deixei para trás o meu trabalho na casa dos Shippens só para me fazerem trabalhar na casa de outra pessoa. — A senhora Quigley apertou as mãos, uma na outra, em frente da saia, virando-se na direção da figura da menina Peggy, que se afastava. — E voltei para encontrá-la já arrebanhada pelo mais famoso sedutor do grupo. — A senhora Quigley olhava fixamente para André, com desconfiança. — Se a menina Peggy não tivesse nascido numa família elevada como os Shippens... bem, nem gosto de pensar no que se poderia ter tornado.

Mas os olhos de Clara derivaram, de novo, para a figura da menina Peggy, cuja entrada na tenda parecia ter atraído dezenas de observadores. A menina Peggy flutuava irrepreensivelmente ao longo da multidão, fazendo as cabeças virarem-se ao passar, e cumprimentando os demais convivas, mas sem nunca se deter em conversas o tempo suficiente para que a atenção do major André a abandonasse. Os seus movimentos, tão polidos e subtis na sua elegância natural, faziam Clara pensar num ramo de salgueiro abanando ao vento.

— O que acontece agora, senhora Quigley? — Clara absorvia a cena como se se tratasse de uma peça de teatro a que assistisse pela primeira vez.

— Calma, Clara, não és também do género de te deslumbrares, pois não? A menina Peggy já nos vai dar água pela barba. — A senhora Quigley torceu o nariz para Clara, a qual fez um esforço súbito para meter os ombros para trás e não parecer tão totalmente arrebatada pelo que a circundava.

A senhora Quigley suspirou, apertando as mãos uma à outra atrás das costas.

— Agora, vão jogar às cartas e bebericar champanhe durante algumas horas, e nós vamos ficar aqui a olhar, à medida que a noite fica mais fria. Quando já tiverem bebido o suficiente para afrouxarem a moral, ficarão ensonados e nós levaremos a nossa patroa para casa, onde a depositaremos, em segurança, na cama. — A senhora Quigley abanou o queixo, olhando, uma vez mais, zangada, para o major André.

— Nós ficamos aqui o tempo todo, a olhar?

— Sim, ficamos, e agora já sabes porque é que eu considero isto um desperdício de noite — lançou a senhora Quigley, subitamente com mau génio. Clara decidiu não contar à velha senhora o quão empolgada se sentia com a ideia de observar o desenrolar daquela noite.

A senhora Quigley apontou o queixo na direção de Peggy.

— Mas foi prudente, da parte do juiz e da senhora Shippen, assegurarem-se de que a menina Peggy não vinha sozinha. Não gosto de repetir coscuvilhices, nota bem, mas conheço as pessoas desta cidade há tempo suficiente para me chegarem aos ouvidos as histórias que andam para aí a ser espalhadas. E muita gente tem andado a falar acerca da... *amizade*... entre a nossa menina Peggy e este oficial mais recente.

Clara virou-se na direção da menina Peggy mesmo a tempo de vê-la pronunciar a frase final de uma anedota que fez com que o major André soltasse uma risada calorosa.

— É óbvio que eu não tenho a menor ideia da razão pela qual a menina Peggy pediu para que *tu* te juntasses a ela esta noite, exceto o facto de que queria reivindicar-te para si e não para a menina Betsy.

A senhora Quigley olhou para Clara com uns olhos sérios. Clara não pôde deixar de envaidecer-se com aquele comentário: parecia que, de facto, a menina Peggy solicitava, pelo menos, a sua companhia, senão mesmo a sua amizade. E por que razão não o faria?

— Mas tu tem cuidado, Clara. Só vou dizer isto.

Clara acenou com a cabeça, obedientemente, mas, com os seus botões, estava a pensar em quão maravilhoso seria ter uma moça tão requintada e solicitada como a menina Peggy a quem pudesse chamar amiga. Se ao menos a vovó pudesse vê-la naquela noite, numa grandiosa *soirée* oferecida por um lorde!

— Oh, cá estás tu, Quigley, graças a Deus!

— Oh, que chatice, que foi agora? — A senhora Quigley e Clara viraram-se e viram uma mulher gorda e ofegante, a pairar do lado de fora da entrada da tenda. Tal como a senhora Quigley, vestia um tecido de calicó estampado e uma touca de linho, e comportava-se com um ar de autoridade determinada, se bem que um pouco atormentada.

— Quigley!

— Olá, Lottie. Organizaste aqui uma noite esplêndida. — A senhora Quigley virou-se para a mulher e deslizou para fora da tenda, com Clara a seguir no seu encaço.

— Esplêndida, uma ova! — A mulher cruzou os braços grossos. — A nossa cozinheira adoeceu antes de acabar as tartes de frutas. Se Lorde Rawdon descobre que a sua cozinheira escolheu logo a noite de hoje para ficar doente, despede-a imediatamente. — Os olhos da mulher estavam escancarados de pânico. — Esta é a vossa nova aia? — A frenética governanta olhou para Clara. — Podes emprestar-ma? Só para hoje à noite? — Antes que recebesse autorização, a mulher agarrou no braço de Clara com a sua mão rija e segura e começou a rebocá-la na direção da casa. — Precisamos de alguém que nos ajude a acabar aquelas tartes.

— Ela não sabe cozinhar, Lottie — respondeu a senhora Quigley, com a voz engrossada pela irritação face àquele facto. — Oh, pelo amor de Deus, vou eu. — A senhora Quigley virou-se para Clara com uma expressão severa. — Bem, vou a correr lá para cima, para a cozinha, para ajudá-las um bocado. Tu — e ergueu um dedo junto ao rosto de Clara —, tu, Clara, *não percas* de vista a menina Peggy, sequer por um minuto. Estás a ouvir-me?

Clara anuiu com a cabeça, olhando, pela entrada, para o interior da tenda, para localizar a sua patroa.

— Sim, senhora Quigley.

A governanta ainda parecia relutante em deixar Clara, ou, mais provavelmente, a menina Peggy. Lançou um olhar nervoso na direção da sua jovem patroa e viu que o major André lhe estava a apertar a cintura.

— *Nem por um segundo!*

Clara assentiu.

— Sim, 'nha senhora, estou a perceber. — As duas mulheres mais velhas apressaram-se a afastar-se da tenda, rumo à casa. Clara, sozinha no exterior da tenda, puxou o xaile mais para os ombros e voltou para a festa, fixando o olhar na sua patroa. Lorde Rawdon voltara a encontrar Peggy, e conseguira separá-la, momentaneamente, do major André.

Clara inclinou-se para diante, demasiado tímida para entrar sozinha na tenda, e, em vez disso, parou à entrada e apurou os ouvidos para apanhar bocados da sua conversa calma.

— Minha cara menina Shippen, o facto de esta terra ter conseguido produzir uma beleza como a sua faz com que valha a pena lutar por todas as treze colónias. — Lorde Rawdon fazia estas declarações com a inépcia destemperada de um homem mais dotado para as batalhas do que para os salões de baile.

— É demasiado generoso com as suas palavras, Lorde Rawdon.
 — Peggy sorriu face aos elogios do seu anfitrião, mas afastou-se. Olhou por cima do ombro, na direção do major André. Este encontrava-se ao lado dos músicos, a um canto, com a atenção ocupada por outra beleza de vestido. Essa senhora era cativante de uma maneira completamente diferente da de Peggy Shippen. Ao passo que Peggy era pequena de estatura, com cabelo louro e tez clara, aquela mulher era alta e bem constituída, com caracóis morenos e brilhantes e um tom de pele quente. Envergava um vestido de seda de um vermelho-escarlate pronunciado. O seu cabelo, como o de Peggy, estava puxado muito para cima, deixando a nuca a descoberto, e usava um colar de rubis que lhe caía sobre o peito e convocava os olhares admiradores dos oficiais que passavam. Encontrando-se defronte do major André, era o seu complemento perfeito.

— Está a admirar o elenco de personagens? — Clara deu um salto ao ouvir uma voz de homem e virou-se, deparando com uma cara desconhecida a seu lado, sob a treliça. — Oh, peço perdão, não era minha intenção assustá-la, menina...?

— Menina Bell. Clara Bell. — Mudou o pé de apoio. Aquele homem não usava uniforme, ao contrário da maior parte dos homens que se encontravam na tenda, mas, de facto, parecia mais bem vestido do que um criado, com o seu casaco de lã negra, uma camisa de linho engomada, e corsários negros, a condizer. Em torno do pescoço, usava um plastrão castanho, e tinha o seu tricórnio negro na mão.

— É fascinante, não é? — Aproximou-se um pouco de Clara, olhando para dentro da tenda por sobre o ombro desta.

— Suponho que sim — respondeu Clara, afastando-se daquele homem descarado.

— Com quem é que veio? — perguntou o homem, virando o olhar para Clara.

Clara endireitou a postura.

— Sou a dama de companhia da menina Peggy Shippen.

— Ahá! Ai sim? — Aquele homem, com um cabelo escuro impecavelmente penteado e olhos claros, falava com uma pronúncia que o denunciava como sendo britânico.

— Sim. — Clara olhou para ele, esperando que ele a deixasse agora em paz, para observar a festa e supervisionar a sua patroa. E onde estava o Cal?, perguntou-se.

— Uma posição invejável, ser a dama de companhia da menina Margaret Shippen. Como é que conseguiu obter essa posição?

A cortesia obrigava-a a responder à pergunta, embora Clara não desejasse envolver-se numa conversa muito prolongada com aquele estranho atrevido, pelo menos enquanto a sua obrigação era estar a tomar conta da sua patroa. Respondeu-lhe, mantendo os olhos fixados no interior da tenda.

— A minha avó, antes de morrer, era uma velha amiga da governanta dos Shippens.

— A senhora Quigley — respondeu ele. — Mas eu pensava que os Shippens tinham cortado na criadagem?

— E cortaram. — Clara virou-se para ele. Como é que aquele estranho sabia tanta coisa acerca da situação da família Shippen?

— Continue. Estava a contar-me acerca da sua avó.

Clara olhou para a cara do homem. Tinha de admitir que ele era bonito, ainda que achasse as suas maneiras um pouco rudes.

— Quando a família Shippen se mudou para a sua quinta em Lancaster, no início da guerra, esta ficava próxima da quinta onde eu vivia. A minha avó ajudou a família Shippen e os seus criados a alimentarem-se nesse primeiro inverno.

— Ah, portanto, vocês salvaram os Shippens, e agora eles contrataram-na. Um favor em troca de outro favor?

— Não sei se gosto que se refiram a mim como um favor, senhor — eriçou-se Clara. — É minha intenção trabalhar duramente e merecer o meu ordenado. Não sou um caso de caridade.

— Claro que não, menina Bell. Não era minha intenção ofendê-la. Além do mais, é a si a quem devemos agradecer a presença aqui da menina Peggy esta noite.

Clara deu uma risadinha, embora não o desejasse.

— Temo que não tenha sido nada de assim tão difícil.

— A senhora Quigley é uma rica mulher — acrescentou o homem. Clara virou-se para ele.

— E como é que se dá o caso de se considerar tão conhecedor acerca da residência dos Shippens?

O homem sorriu.

— Passei lá o tempo suficiente para isso. Tenho obrigação de saber uma ou duas coisas.

— Ai é? — As sobranceiras de Clara arquearam-se.

— Sou o secretário do major John André. O meu nome é Robert Balmor. O major André e eu passamos bastante tempo com a menina Shippen mais nova. — Robert sorriu de modo afetado.

— Eu sei que o major André é um dos favoritos da minha patroa. — Clara espreitou para dentro da tenda e viu que a menina Peggy ainda estava envolvida na conversa com Lorde Rawdon.

— E a Peggy Shippen também é uma das favoritas do major André — respondeu Robert.

Clara não gostou do modo como ele falara da menina Peggy, com tanta familiaridade.

— Já conheceu aquele cavaleiro? — Robert apontava para o homem de fato azul-claro.

— Claro que sim, é o Joseph Stansbury — disse Clara, sentindo um assomo de orgulho por também saber alguma coisa. — Gere a loja de porcelanas na Rua do Mercado. A menina Peggy apresentou-mo mal chegámos.

— Ah, sim. O ilustre comerciante de porcelanas de Londres. — Robert acenou com a cabeça. — É um bom amigo da Peggy Shippen. E, suspeito, o único homem na tenda que está mais interessado no vestido de baile da menina Peggy do que no que está por debaixo.

Clara corou e mudou o seu peso de um pé para o outro. Que descarados que eram os homens naquela reunião! Procurando mudar de assunto, apontou para o major André e para a beldade morena a seu lado.

— E quem é aquela senhora? O major André mal saiu de ao pé dela desde que chegámos. — Clara sabia que a sua patroa não ficaria contente com isso.

— Ah, é a Meg Chew — respondeu Robert, com um toque de reverência na voz. — Não é lá muito desagradável à vista, pois não?

— A menina Peggy mencionou uma Meg Chew — disse Clara, lembrando-se da conversa no quarto da sua patroa.

— Sim, a Meg Chew é uma rival da Peggy Shippen. A sua única rival, na verdade. — O olhar de Robert alternava entre as duas mulheres como o faria se se tratasse de dois bolos de idêntico encanto. E não era o único; Clara apercebeu-se de que a maioria dos homens na tenda parecia estar à pesca de uma conversa com uma ou com a outra.

Meg ainda detinha a atenção de André, mas Peggy não fazia qualquer movimento na sua direção. Limitava-se a olhar do lado mais distante

da tenda, sorrindo como se Lorde Rawdon fosse o homem mais encantador da *soirée*. Clara não conseguia decidir qual das duas rivais era mais fascinante. Peggy tinha uma vitalidade de menina, um brilho malicioso nos olhos, ao passo que Meg Chew parecia altiva, sublimemente confiante, quase soberana.

— O seu patrão é artista? — perguntou Clara, voltando a pensar na silhueta que Peggy possuía.

— Sim, está sempre a fazer desenhos, a recortar silhuetas em papel, inclusivamente a escrever poesia.

Clara assentiu com a cabeça.

— Ele deu uma dessas silhuetas à menina Peggy.

— E outra à menina Chew. — Robert inclinou a cabeça.

— Isso parece-me cruel — respondeu Clara.

— É um dos grandes favoritos das senhoras. Tem qualquer coisa... escreve um poema acerca delas, fala um pouco de francês, ou desenha-lhes o rosto, e elas apaixonam-se por ele. A sua beleza também não o prejudica, suponho eu.

A sua patroa conseguiria domá-lo, pensou Clara. Só conhecia Peggy Shippen havia algumas horas, mas já tinha a certeza disso.

— O problema é que o major não parece conseguir decidir-se acerca de qual das duas quer — continuou Robert. — Numa semana, passamos todas as tardes no salão do juiz Shippen, enquanto o André pinta a Peggy. Na semana seguinte, anda a passear pelos jardins da mansão dos Chews, compondo um poema com a Meg.

Robert e Clara pararam de falar quando Lorde Rawdon se dirigiu para o centro da tenda e encorajou os convidados a assumirem os seus lugares para os jogos de cartas. Lacaios com perucas dirigiram-se imediatamente para as mesas, distribuindo cartas e taças com pistácios, e enchendo as *flûtes* com champanhe francês. Clara observou Lorde Rawdon a sentar Peggy ao seu próprio lado. Frente a eles, sentavam-se Meg Chew e o major André.

Bem, pelo menos ela estava na mesma mesa do que ele, pensou Clara.

— Quem são os demais convidados que estão na mesa deles? — perguntou ela, ao ver os lugares serem preenchidos.

— O Joseph Stansbury já você conhece. — Robert apontou para o comerciante, que se sentava do outro lado de Peggy. — E aquela outra senhora é a Christianne Amile, mais uma beleza partidária dos britânicos.

Clara observava o major André enquanto este tilintava o seu copo contra o de Meg Chew, dizendo algo que fez com que a morena atirasse os seus fartos caracóis para trás, a rir-se. Do outro lado da mesa, Peggy estava a conversar com um oficial que se aproximara para prestar a sua homenagem.

— Aquele é o capitão Hammond, que vem agora falar com a Peggy — disse Robert. — Outro admirador. — Clara conseguia aperceber-se da frustração de Peggy; era evidente pela forma ligeiramente tensa que os seus gestos tinham assumido, mesmo enquanto tentava seduzir aquele outro admirador.

— Todos os homens lhe estão a prestar as suas homenagens exceto o seu patrão, que parece ignorá-la completamente.

Robert sopesou o facto, mas não respondeu.

— Porque é que ele a despreza, passando a noite toda com a Meg Chew? — Não estava certo, ostentar o seu galanteio na cara de Peggy, sabendo que ela gostava dele.

— Bem, de facto, estou em crer que ele prefere a Peggy Shippen — disse Robert, pensativamente. — Mas o major André é um homem esperto. Os Chews são uma família muito mais rica. O dinheiro dos Shippens é dinheiro antigo, o que é respeitável, e, em tempos, tiveram muito. Mas, desde que as colónias se rebelaram, o juiz Shippen suspendeu todas as suas relações comerciais. Tem medo de fazer negócios quer com os britânicos quer com os rebeldes. É difícil acreditar em quão depressa o dinheiro deles se esgotou.

Clara olhou para os metros de ótica seda que adornavam a figura da sua patroa, para a fiada de pérolas em torno do seu pescoço e no seu penteado abobadado. Recordou-se da carruagem elegante em que tinham vindo para a festa.

— Não é assim tão difícil de acreditar nisso — murmurou Clara. Robert olhou por cima do ombro.

— Apetecia-me mesmo beber um copo de cerveja. Ou, melhor ainda, de champanhe.

Clara olhou-o fixamente, com os olhos muito abertos.

— Que foi? Lá por sermos serviçais, não podemos desfrutar também da festa? — O modo intenso como Robert olhava para ela deixou Clara nervosa, e afastou o seu corpo do dele, para voltar a olhar para a tenda.

— Tenho a certeza de que não devo beber o champanhe de Lorde Rawdon — respondeu ela.

— Ena, ena, não é que tu és mesmo orgulhosa? — picou-a Balmor.

— Tenho de comportar-me como deve ser, de um modo condizente com a família Shippen — respondeu Clara, certa de que a sua resposta teria sido merecedora da aprovação da senhora Quigley, mas, agora, parecia merecer o desdém de Robert.

— E acha que a menina Peggy não está a beber champanhe ali na tenda?

Aquela questão silenciou Clara.

— Nós, os britânicos, não acreditamos em ser-se assim tão rígido, Clara. A guerra pode ser divertida, não pode? — suspirou-lhe Robert ao ouvido, tão perto que a sua respiração lhe pousou no pescoço, fazendo eriçarem-se-lhe alguns pelos macios.

O quarteto de cordas atacou um minuete e toda a tenda ficou excitada pela sua cadência alegre. Na azáfama dos casais a levantarem-se para dançar, o major André ergueu-se da mesa e deslizou para ao pé de Peggy. Estendeu uma mão e puxou Peggy para dançar.

— Ah, olhe quem é que acabou de convidar a Peggy para dançar. Será que não devíamos imitar os nossos empregadores, tão educados e elegantes? — Robert estendeu a mão para Clara, fazendo uma vénia exagerada. — Dá-me o prazer desta dança, minha senhora?

— Oh, não, eu não sei dançar — respondeu Clara rapidamente. Só essa ideia deixava-a desconfortável. A vovó nunca a deixara aprender.

— Só tem de seguir as minhas orientações. — Antes que ela pudesse protestar, Robert avançou na direção de Clara e passou-lhe um braço à volta da cintura. Clara resistiu. Nunca tivera um contacto tão íntimo com um homem.

— Não posso. — E abanou a cabeça.

— Eu não mordo, prometo. — O sorriso de Robert serviu para acalmá-la um pouco. Ele tomou a outra mão dela na sua e começou a balançar-se defronte dela, conduzindo-a ao longo de uma pequena mancha escurecida de relvado. Por cima do ombro dele, Clara captava relances da sua patroa, que flutuava sobre a pista de dança, com os olhos suspensos no major André.

— Isto é assim tão tortuoso, menina Bell? — Robert olhava-a fixamente, com a cabeça a cair para o lado.

— Suponho que não, senhor Balmor. — Clara reprimiu o enrubescimento que lhe subia às bochechas.

A música deteve-se abruptamente e Robert largou-lhe as mãos. Clara reparou, com surpresa, que sentira um desapontamento quando ele se afastara.

Antes que Clara compreendesse o que se estava a passar, os homens que estavam na tenda tinham deixado os seus pares a meio da dança. Encontravam-se parados, com os braços pendendo de lado e os olhares fitados em frente. Vindo de algures, começou a ouvir-se o rufar de um tambor.

— Que se passa? — Clara olhava a multidão ao seu redor, confusa, e apercebeu-se de que uma coluna de bandeiras britânicas surgira na tenda, transportadas por soldados bem vestidos.

— Aí está ele. — Robert esticou-se para a frente, para ver a pequena figura que acabava de entrar na tenda. Era mais velho do que o resto dos homens, e achava-se flanqueado, de ambos os lados, por oficiais, ajudantes e serviçais. Os ombros do seu casaco vermelho estavam carregados pelo peso de dragonas de seda demasiado grandes, e usava uma faixa escarlata a atravessar-lhe o peito estreito. Sobre a sua cabeça, repousava uma peruca branca com caracóis muito apertados. Olhava ao redor da tenda, escrupulosamente, fixando os olhos em todos os oficiais, os quais, por sua vez, pareciam ficar um pouco mais direitos sob o seu olhar. Clara virou-se para Robert, curiosa.

— Aquele é o general Howe — murmurou Robert. — O general William Howe, comandante das tropas britânicas na América. — Os tambores militares fizeram soar um rufo ritmado até que os homens, num unísono perfeitamente ensaiado, o saudaram.

Com um aceno de mão, o general disse aos seus homens que retomassem a dança, e sentou-se a uma mesa com dois dos seus *aides-de-camp*. Nesse momento, os serviçais de Lorde Rawdon desfilaram rumo ao interior da tenda, com pratos de tartes de fruta e cafeteiras de prata.

— Vejo que a senhora Quigley os ajudou a acabar as sobremesas — disse Clara, apontando para os doces que estavam a ser depositados nas mesas.

Robert olhou ao redor da tenda, reparando em como todos os oficiais se encontravam, subitamente, consumidos pela chegada do general Howe.

— Agora, é a nossa oportunidade — sussurrou ele. — Vou roubar uma garrafa de champanhe para nós. Venha ajudar-me.

— Pode ter a certeza de que não vou.

— Parece tão ofendida, Clara. — Robert sorriu de modo afetado.

— Mas aposto que, quando eu voltar, serei capaz de convencê-la a beber um copo comigo. Já alguma vez provou champanhe francês?

— Nunca. — Clara cruzou os braços.

— Bem, é uma das coisas em que os franceses acertaram. Já volto, para que veja por si própria.

Robert partiu, passando despercebido rumo a uma mesa vazia na ponta mais longínqua da tenda. Os oficiais, ainda a competirem para se aproximarem do general, não repararam quando ele surripiou uma garrafa inteira.

— Agora tenho de arranjar dois copos para nós! — Robert sorriu-lhe, erguendo a garrafa gelada. — Volto já. — Com uma piscadela de olho, Robert desapareceu mais para o interior da tenda apinhada.

Clara continuou a olhar — aterrorizada e, contudo, de algum modo divertida. O que diria a vovó acerca de um moço assim tão descarado? Mas, agora, Clara era a aia de uma senhora tão imponente quanto Peggy Shippen. Não lhe seria permitido partilhar apenas um pouco do divertimento de que gozavam o resto dos convivas? E Robert acabara por se revelar perfeitamente educado para ela. E não reparara ela nos criados a bebericarem champanhe, às escondidas, toda a noite, no exterior da tenda? A disposição no interior da tenda era demasiado alegre, a noite demasiado agradável, a música demasiado animada para que ela recusasse um pequeno copo de champanhe.

Clara virou o olhar para a pista de dança, à procura de Peggy. Esquadrinhou os corpos que dançavam, procurando aquela mancha brilhante de seda cor-de-rosa. Mas onde tinha ido a sua patroa? Nas mesas, onde os casais tinham retomado os jogos de cartas, não havia cor-de-rosa. Clara verificou perto da banda, no enfiamento de convidados que faziam fila para conhecer o general, mas a sua patroa não estava em parte alguma, no interior da tenda. O coração de Clara acelerou. Durante a excitação pela entrada do general, perdera de vista a sua patroa e permitira-lhe escapar-se, despercebidamente.

— Oh, não. — Clara sentia que era capaz de começar a chorar. Era a sua primeira noite e ela já falhara nas suas obrigações. A senhora Quigley, certamente, despedi-la-ia. Desviou-se dali e apressou o passo ao longo do perímetro da tenda, perguntando-se se, porventura, a menina Peggy saíra de lá para apanhar ar. Mas estava tão escuro que ela

nunca seria capaz de ver. E, então, Clara detetou um som, um risinho ténue que vinha do fundo da colina inclinada, junto à margem do rio. Clara piscou os olhos, esforçando-os a ver na escuridão.

— *Johnny!* — Mais risos. A voz junto ao rio era, sem dúvida, a de Peggy.

Clara concentrou-se nos sons. Um contorno esbatido ganhou lentamente forma, à medida que os olhos de Clara se ajustavam à noite. Duas figuras. Peggy e o major André, sentados lado a lado, junto ao rio.

— Pensei que nunca mais seria capaz de te subtrair ao nosso gentil anfitrião, o estimado Lorde Rawdon. — A polida pronúncia britânica do major André era facilmente detetável, agora que Clara os tinha localizado.

— Felizmente, o general Howe forneceu-nos uma distração suficiente — respondeu Peggy, inclinando-se para o seu companheiro. Fizeram tilintar os copos e, então, Peggy esvaziou o seu champanhe. Clara apercebeu-se, com horror, de que André não bebeu do seu próprio copo, mas que, em vez disso, ofereceu também a sua bebida a Peggy. Ela bebeu-a.

— Se eu fosse Lorde Rawdon, nunca te teria perdido de vista, nem por um minuto. Não quando todos os outros cavalheiros naquela tenda estavam só à espera da sua oportunidade para se lançarem sobre ti. — O major André inclinou-se, jovialmente, na direção de Peggy (estaria a fazer-lhe cócegas?), induzindo-a a começar às gargalhadas.

— Oh, Johnny, estou tão contente por teres sido tu a lançares-te primeiro. — Peggy deu um soluço, e inclinaram-se os dois um para o outro.

Clara observava, chocada, à medida que o major André pegava com a mão no queixo de Peggy e lhe puxava a cara para junto da sua. Antes que Clara pudesse protestar, o major André estava a beijar Peggy. Aqueles não eram os beijos contidos que um cavalheiro depositava na mão de uma senhora ou na face de uma senhora: eram beijos descarados, beijos que deveriam ofender o sentido de decoro de uma senhora. Clara tinha vontade de ir a correr e interpor-se entre eles, de intervir, mas apercebeu-se, com horror, de que a sua patroa estava, alegremente, a reciprocitar os beijos. Mas, então, para seu alívio, Peggy afastou os lábios.

— Não sei se devo deixá-lo continuar a beijar-me. — Peggy afastou o seu corpo do de André, olhando para trás, para a tenda, como

se tivesse a intenção de deixá-lo sozinho junto ao rio. Ainda estava com soluços.

— Porque não, minha querida? Porque me torturaria? — André estendeu os braços para Peggy, mas ela afastou-os, cruzando os seus braços como uma criança petulante.

— Não haja dúvidas de que passou muito tempo a falar *com ela* hoje à noite — disse Peggy, fazendo beicinho, e Clara soube instantaneamente a quem é que a sua patroa se referia.

— Minha querida. — Os ombros de André descaíram, com todo o seu corpo disposto a representar o papel do amante arrependido. — Estava apenas a ser educado. Não posso rejeitá-la liminarmente quando fala comigo. Sabe que a Meg não significa nada comparada con...

— Não diga o nome dela — respondeu Peggy, num tom gelado.

— Muito bem. — André levantou as mãos, em sinal de derrota. — Não direi.

— Prefere-a a ela? — Peggy virou-se para ele e, mesmo no escuro, Clara conseguia aperceber-se de quão atentamente ela o observava.

— De modo algum, minha querida. Quantas vezes terei de lho dizer?

Sim, mas não dissera ele o mesmo a Meg Chew?, perguntava-se Clara.

As mãos de André aproximaram-se um pouco do corpo de Peggy e, desta vez, ela não as afastou. No entanto, virou a cara quando ele tentou beijá-la.

— Diga-me — disse ela.

— Digo-lhe o quê?

— Diga-me que sou a sua favorita, Johnny.

André estava consumido pelo desejo, era evidente para Clara; diria o que quer que fosse necessário para retomar os seus beijos.

— É a minha favorita, Peggy.

— E ama-me a mim, e só a mim?

— Sabe que sim, minha querida Peggy.

— Então, diga-mo. Diga.

— Porque é que tem de torturar-me?

— Diga que me ama!

— Eu amo-a, Peggy Shippen.

— Muito bem, agora já pode beijar-me.

— Acho que gosta de me ver sofrer, minha querida.

André inclinou-se para ela, depositando um beijo demorado e lento num dos lados do pescoço de Peggy. E, então, houve sussurros que Clara não conseguia identificar completamente, beijos suaves, uma risadinha. E, depois, subitamente, no meio da noite escura e discreta, o major André e Peggy estavam deitados ao lado um do outro, estendidos sobre a relva. Clara apurou os ouvidos e detetou mais sussurros, e um suspiro. Quando as mãos de Johnny tocaram o pescoço nu de Peggy, ameaçando deambular ainda mais para baixo, Clara teve a certeza de que a sua patroa se lembraria, finalmente, da sua virtude e protestaria. Mas, para seu sobressalto, o único protesto emitido pela boca de Peggy foi um suspiro. Clara teria sido capaz de desmaiar com aquele choque.

E pensar que era a mesma moça bem-educada que ela vira ao jantar, havia ainda poucas horas, a discutir política com o pai e com o primo — um juiz e um médico! Que pensaria o pai de Peggy se soubesse do comportamento escandaloso da filha? Ficaria devastado.

O major André estava agora a tirar o casaco, fazendo com que Clara cambaleasse para trás, de novo horrorizada, à medida que a sua mente viajava para o passado, para cenas que testemunhara acidentalmente na quinta, cenas com que se deparara inadvertidamente no palheiro ou na barraca por detrás da queijaria. Recordou-se do que ouvira dizer acerca de como ela mesma tinha sido concebida — do ato desgraçado que a própria mãe de Clara tinha realizado fora do matrimónio, ato esse que, em última análise, roubara a vida à mãe. Não, ela não sobrevivera ao parto, dissera a vovó a Clara, por causa do pecado capital em que participara, para criar a vida de Clara.

E, agora, a sua patroa, a bem-nascida e bem-educada menina Margaret Shippen, estava esparramada na relva com um homem que não era seu marido, enquanto toda a alta sociedade de Filadélfia se divertia apenas a alguns metros dali! Tal facto, se fosse descoberto, arruinaria a menina Peggy. Clara tinha de intervir, antes que aquilo fosse longe de mais, a ponto de ser irreparável para a reputação da sua patroa. Talvez a menina Peggy não soubesse a que conduziriam os seus beijos ou daquilo que aquele homem era capaz de fazer para lhe roubar a sua virtude.

— Menina Peggy! — Clara correu pela colina abaixo, em direcção à sua patroa, com a voz estridente.

A sua patroa não respondeu, continuando, em vez disso, a passar os dedos pelo cabelo escuro de John André, agora solto da sua fita. Clara experimentou um horror renovado ao ver, à luz débil do reflexo da Lua, que o major André se estava a permitir passar a mão pela bainha da camisa da menina Peggy. Por que motivo é que a sua patroa não protestava?

— Minha senhora, menina Peggy!

Desta vez, tanto Peggy como o major André olharam para cima.

— Desejam falar consigo, minha querida. — O major André beijou o pescoço nu de Peggy, soando irritado pela distração.

— Oh, é apenas a minha aia — respondeu-lhe Peggy. — Clara, vai-te embora. — Peggy enxotou a aia com a mão e voltou a focar a sua atenção em enrolar os braços à volta da cintura do major André.

Clara virou-se para a tenda, desesperada. Felizmente, ninguém na tenda estava a olhar na direção deles; estavam demasiado ocupados pelo seu champanhe e pela dança. Mas, então, a sua situação passou de desesperada a desastrosa, quando avistou a figura familiar da senhora Quigley. A governanta encontrava-se parada à entrada da tenda, examinando a multidão, em busca de algum sinal da menina Peggy. Agora, era uma questão de minutos até serem descobertos, e Clara seria expulsa do lar dos Shippens mesmo antes de aí ter passado uma noite.

Uma nova risada, seguida por um suspiro prolongado, disse a Clara que a menina Peggy não tinha nenhuma intenção de rechaçar as mãos itinerantes do seu companheiro.

— *Mon Dieu*, Peggy Shippen — disse André, com uma voz grave e rouca.

Então, Clara voltou a virar-se para o casal.

— Menina PEGGY! Por favor! — Clara estava estarecida por se ter encontrado naquela posição.

— Ei-la. — Uma voz familiar. Robert estava a seu lado, transportando duas *flûtes* a transbordarem de champanhe. — Trouxe refrescos para nós. O que está a fazer aqui, ao pé do rio?

— Robert. — Clara sentiu-se fraquejar de alívio. — Graças a Deus que voltou.

— Teve saudades minhas? — gracejou Robert, com as feições deleitadas face à reação dela. — Lamento tê-la feito esperar. — Ele movimentava-se na sua direção. Seria imaginação de Clara, ou ele parecia prestes a tentar beijá-la? Seriam todos os homens naquela festa completamente loucos?

— Robert, por favor. — Ela afastou-se dele e abanou a cabeça, desviando-lhe a atenção. — Olhe, ali em baixo! — Apontou para as duas figuras reclinadas no relvado. — A minha patroa e o major André estão ali em baixo, a comportarem-se de modo *muito* indiscreto. E a senhora Quigley vai vê-los. O mais certo é ela envergonhar a minha patroa e, sem dúvida alguma, despedir-me.

— Para onde devo olhar? — Robert estreitou os olhos para se concentrar.

— *Para ali!* Para o major André e para a menina Peggy — apontou Clara.

— Oh, estou a ver. — Robert olhou para a governanta e, depois, de novo, para o casal ao pé do rio. — Sim, isto é um problema, tem toda a razão acerca disso. — Aproximou-se alguns passos de Peggy e do major.

— Major André! — Robert colocou as mãos em concha e gritou na direção deles, sendo a sua voz muito mais assertiva do que a de Clara fora. — Major, vem aí a velhota. — E, então, quase inaudivelmente, disse: — Pelo que é capaz de querer tirar as suas mãos de debaixo da saia da menina Shippen.

Quando Clara viu as duas figuras separarem-se face àquele aviso, ficou tão aliviada que era capaz de ter beijado Robert.

— Oh, graças a Deus — suspirou. — Obrigada, Robert. Obrigada.

— Talvez, no fim de contas, não seja uma posição muito invejável, a sua. — Robert sorriu de modo afetado, ainda demasiado perto dela.

Clara não tinha tempo para o namoro daquele homem e, em vez disso, manteve os olhos apontados à sua patroa, enquanto o major André lhe desejava uma boa noite, sussurrando algum segredo obscuro ao seu ouvido antes de se levantar. Peggy permaneceu no relvado, compondo as joias, e assegurando-se de que o vestido estava no seu lugar e de que o cabelo não ficara de lado, enquanto André se levantava e caminhava na direção do seu secretário.

— Balmor, vamo-nos embora. Já estou farto desta festa.

— Bem, menina Clara Bell, foi um prazer. Não se culpe a si mesma por esta noite ter ficado um pouco... descontrolada. — Robert colocou o chapéu na cabeça. — Esta alta sociedade de Filadélfia pode ser polida, mas não é mansa. Na realidade, às vezes, faz com que a corte francesa, em Versalhes, pareça, por comparação, um convento. — Robert tocou no chapéu, fez uma pequena vénia e, depois, desapareceu noite dentro com o seu amo, que estava a sussurrar algo acerca de uma taverna.

Silenciosamente, Clara aproximou-se da patroa. Peggy estava a olhar para o rio, com a sua pele pálida a brilhar à luz da Lua, refletida na superfície calma das águas. Sobressaltou-se quando ouviu Clara a seu lado.

— Oh, Clara — disse Peggy calmamente, como se não tivesse acabado de mortificar a sua nova aia. — Olá, Clara. — A voz de Peggy estava suave e amenizada. — Senta-te ao meu lado.

Confusa, Clara obedeceu, sentando-se devagar sobre a relva, enquanto o rio galgava um pouco a margem. Estava furiosa com a patroa, por ter acabado de ser forçada a testemunhar uma cena de indiscrição como aquela da sua parte.

Peggy virou a cara de modo a ficar a apenas centímetros da sua aia. Clara reparou que o *pouf* do seu cabelo estava emurchecido, pelo que os caracóis lhe pendiam agora em torno da face. Os seus olhos estavam em brasa e as suas bochechas coradas, dando-lhe um aspeto meio louco e selvagem. Clara decidiu, naquele momento, que nunca vira ninguém mais belo.

— Oh — Peggy inclinou lentamente a sua cabeça sobre o ombro da criada, expirando um suspiro lento e sereno. Clara retesou-se, mas tentou não mostrar quão nervosa tal gesto a deixava. — Clara, agora já sabes. Estou tão apaixonada.

«Os amantes de ficção histórica vão desejar ler mais romances como este.»

Publishers Weekly

No ano de 1778, em plena Guerra da Independência Americana, o general Benedict Arnold ocupa o cargo de governador militar de Filadélfia. Os ferimentos sofridos durante a guerra e que o incapacitaram para sempre, a par da complicada situação financeira em que se encontra, fazem de Arnold um homem desiludido com o seu país.

Peggy Shippen, uma jovem e atraente rapariga obcecada por dinheiro e poder, é presença assídua na alta sociedade. Perdidamente apaixonado, Arnold está determinado a conquistá-la e a casar-se com ela.

Cego pela beleza da sua jovem esposa e na ânsia de lhe conceder todos os luxos que ela lhe exige, Arnold acaba por, influenciado por Peggy, encetar o plano que lhe permitirá obter a fama e a fortuna que ambos ambicionam.

Apoiado pelo espião John André — oficial do Exército Britânico e antigo amante de Peggy —, o casal põe em marcha o plano maquiavélico para destronar o comandante George Washington e entregar o forte de West Point aos ingleses.

Um romance fascinante que dará a conhecer a mente perversa que levou um homem a trair o seu país.

Da mesma autora:



TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20/20 editora	ISBN 978-989-8839-55-8 9 789898 839558 Romance Histórico
--	--